



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Curso de Graduação em Letras – Tradução Espanhol

ADRIANA DE JESUS PEREIRA

**Diário de uma tradução feminista:**

***Que explote todo*, de Arelis Uribe**

Brasília – DF

2021

ADRIANA DE JESUS PEREIRA

**Diário de uma tradução feminista:**

***Que explote todo*, de Arelis Uribe**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à conclusão da disciplina Projeto Final do Curso de Tradução e obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María del Mar Paramos Cebey

Brasília – DF

2021

ADRIANA DE JESUS PEREIRA

**Diário de uma tradução feminista:**

***Que explote todo*, de Arelis Uribe**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito à conclusão da disciplina Projeto Final do Curso de Tradução e obtenção do grau de Bacharel em Letras – Tradução Espanhol, aprovado pela seguinte comissão examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María del Mar Paramos Cebey

(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Ramos de Oliveira Harden

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlova Gonsales Aseff

Brasília – DF

2021

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu irmão, que são minha base e meu porto seguro. Obrigada por acreditarem em mim.

Às pessoas queridas que tenho a honra e sorte de chamá-las de amigas. Em especial, à Beatriz Sena, que me inspira em sua força e dedicação; ao Gustavo Einstein, que literalmente salvou minha vida e que é como um irmão para mim; à Jéssica Rabelo, que esteve comigo desde o início da jornada que foi a caminhada universitária e me ensinou muito sobre a vida, ao Leonardo Ferreira, que foi um grande amigo e que me escutou em todos os momentos que precisei; à Maria Gabriele, que me incentivou a lutar pelo que acredito; à Milena Dourado, que com sua amizade me acolheu sempre que precisei, e ao Saulo Rodrigues, que me ajudou no processo mais importante deste trabalho. Obrigada por tudo.

Ao meu namorado que foi meu apoio e calma. Obrigada por ser a paz que eu tanto precisava e por me inspirar a ser minha melhor versão todos os dias.

À minha orientadora, María del Mar, que me incentivou e acreditou no meu potencial quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por todo o conhecimento, paciência e carinho, sem seu apoio eu não teria chegado até aqui.

Por último, mas não menos importante, a Deus, que é amor e me ensina a ser assim também.

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.

**Simone de Beauvoir**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a valorização da tradução feminista enquanto estratégia importante para os Estudos da Tradução. Utilizou-se como base o trabalho de Olga Castro (2008) para apresentar e defender os estudos da tradução feminista. A fim de conceituar feminismos, desde uma perspectiva plural, foram utilizadas as contribuições teóricas de Joanna Burigo (2020) e Katemari Rosa (2020). A partir disso, construiu-se um panorama acerca da crônica, com o aporte teórico de Heloísa Amaral (2008) e Eloísa Moura (2008), entre outros, tendo como foco a representação desta em temáticas feministas e ideológicas. Nesta perspectiva, traduziram-se três crônicas da obra de Arelis Uribe, intitulada *Que explote todo*, com vistas a demonstrar a complexidade deste gênero textual, bem como a apresentação de formas de tradução comentada, como o diário de tradução. Para isso, foram utilizados os trabalhos de Marie-Hélène Torres (2017) e Amparo Hurtado Albir (2015).

**Palavras-chave:** Tradução feminista; Arelis Uribe; Crônica latino-americana; Diário de tradução; Estudos da tradução.

## RESUMEN

El principal objetivo de este trabajo es valorar la traducción feminista como una importante estrategia para los Estudios de Traducción. Para ello, se utilizó como base el trabajo de Olga Castro (2008) sobre los estudios feministas de traducción. Con el fin de conceptualizar los feminismos desde una perspectiva plural, se utilizaron, también, los trabajos de Joanna Burigo (2020) y Katemari Rosa (2020). Posteriormente, se construyó un panorama sobre el género textual crónica, que contó con el aporte teórico de Heloísa Barbosa (2008) y Eloísa Moura (2008), centrándose en la representación de este en temáticas feministas y de ideología. De esta manera, se tradujeron tres crónicas de la obra de Arelis Uribe, titulada *Que explote todo*, con el fin de demostrar la complejidad de este género textual, así como la presentación de formas de traducción comentada, esto es, los diarios de traducción. Para ello, se utilizaron los trabajos de Marie-Hélène Torres (2017) y Amparo Hurtado Albir (2015).

**Palabras clave:** Traducción feminista; Arelis Uribe, crónica latinoamericana, diario de traducción; estudios de traducción.

**LISTA DE TABELAS**

TABELA 1.....22

TABELA 2.....42



# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 CAPÍTULO I: Feminismos e Estudos da tradução</b> .....	11
1.1 Feminismos: movimentos plurais.....	11
1.1.1 Breve cronologia dos movimentos feministas.....	13
1.2 Estudos da tradução x Tradução feminista.....	17
<b>2 CAPÍTULO II: <i>Que explote todo</i>: Arelis Uribe e as crônicas</b> .....	23
2.1 Crônica como gênero.....	23
2.1.1 Crônica e ideologia .....	29
2.1.1.1 Crônica feminista .....	31
2.2 Arelis Uribe.....	32
2.2.1 A obra: <i>Que explote todo</i> .....	35
<b>3 CAPÍTULO III Metodologia e Análise</b> .....	39
3.1 Diários de uma tradução.....	39
3.2 Análise tradutória.....	42
<b>Considerações finais</b> .....	58
<b>Referências</b> .....	59
<b>Anexo 1: Diários de tradução</b> .....	63

## Introdução

A história dos feminismos é extensa, embora muitas produções e experiências femininas tenham sido destruídas ou apagadas da evolução da humanidade. Se atualmente tem-se acesso a uma realidade com mais direitos, em comparação a antigamente, é graças às produções e vivências de mulheres que lutaram para exigir o básico, como o direito de serem cidadãs e serem tratadas como tal. Quando se analisa desde a perspectiva tradutória, identifica-se que os feminismos têm um vínculo com a tradução. E do que se trata esse vínculo?

Segundo Blume (2010), o vínculo entre mulheres e tradução é antigo, pois se trata de uma construção histórica que se relaciona há séculos. A autora ressalta como a exclusão das mulheres do âmbito profissional e social as levaram ao trabalho com a tradução que, à época, era visto como ofício secundário. Em contrapartida, as produções originais, escritas principalmente por homens, eram consideradas obras relevantes, enquanto as traduções, da mesma forma que as mulheres, recebiam qualificações associadas à submissão. Quando se vai além do contexto histórico, percebe-se que as pautas feministas estão conectadas com a tradução, já que, por meio desta, diversos conteúdos foram viabilizados, possibilitando que mais pessoas tivessem acesso aos debates e estudos realizados na área.

Ao analisar essa união, pode-se considerar que até no próprio sistema linguístico há relações de poder, e que estas acabam dando visibilidade a um grupo enquanto invisibiliza outro. A título de exemplo, tem-se o uso do masculino genérico que é utilizado para abranger a todos. Contudo, sua utilização disfarça um discurso que muitas vezes é preconceituoso em relação à classe, gênero e raça. Desse modo, o uso de determinada forma de se comunicar pode influenciar diretamente na vida de uma pessoa. Djamila Ribeiro (2008) trata justamente desse ponto ao conceituar o termo poder. De acordo com a autora, poder é definido como: “a habilidade não só de contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (RIBEIRO, 2008, p. 13). Com isso, é necessário refletir a forma em que ações e discursos, no âmbito social, podem modificar definitivamente a vida de um(a) indivíduo(a) ou de um grupo.

Diante do que foi apresentado, esta pesquisa tem como objetivo principal realizar a tradução de três crônicas da autora chilena Arelis Uribe, assim como enriquecer os estudos de tradução feminista. Para isso, será apresentada propostas de tradução feminista, realizadas através da tradução comentada e que foram idealizadas em diários de tradução. Será abordado

tópicos e temáticas que podem auxiliar no propósito anteriormente mencionado, a saber: feminismos, estudos de tradução feminista, crônica e ideologia. Com o fim de dar visibilidade a contribuições femininas, será utilizado o apoio teórico de autoras como Olga Castro (2008), Heloísa Amaral (2008) e Eloísa Moura (2008), Marilena Chauí (2001), Zavaglia, Renard, Janczur (2015), Amparo Hurtado Albir (2005) e Marie-Hélène Torres (2017).

A metodologia adotada para este trabalho foi construída a partir da tradução comentada e das reflexões realizadas nos diários de tradução. Através desse método, desenvolveu-se o processo tradutório e apresentou-se comentários de tradução que contribuiriam para as discussões abordadas. Com isso, buscou-se valorizar o processo anterior e posterior à tradução, o que pode contribuir na visibilidade da autora e da tradutora das crônicas.

Em relação à estruturação do trabalho, este foi dividido em três capítulos: no primeiro, será conceituado os feminismos e estudos da tradução; no segundo capítulo, serão apresentados o gênero textual “crônica”, a autora e a obra estudadas. Por fim, no terceiro capítulo, será apresentado a tradução comentada do processo tradutório com o auxílio dos diários de tradução.

## Capítulo I: Feminismos e Estudos da tradução

### 1.1 Feminismos: movimentos plurais

Os feminismos são movimentos que por vezes são percebidos e entendidos de forma errônea, o que dificulta a participação de forma justa e ativa das pautas que são propostas e defendidas. Esses movimentos possibilitam a criação de políticas públicas que tem como foco a melhoria na vida das mulheres, que frequentemente têm seus direitos negados ou violados. Mas do que se trata(m) o(s) movimento(s) feminista(s)? O que significa feminismo(s)? Quais as pautas defendidas?

Segundo Rosa Monteiro<sup>1</sup>, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade do XXII Governo Constitucional da República Portuguesa:

Feminismo, palavra que devemos pronunciar no plural dada a diversidade de correntes, é liberdade e humanismo, é a luta pela liberdade e realização da pessoa humana sem restrições por se ser de um ou outro sexo. É a luta contra um sistema opressivo, muito subtil, que condiciona as cognições, opções e práticas de mulheres e homens, induzindo modelos hegemónicos de ser – não ser pessoa completa, mas “homem” ou “mulher” [...] Um dos mais revolucionários gritos feministas é o de que “o pessoal é político”, máxima com a qual o pensamento e ação feministas procuram derrubar uma das mais discriminatórias ideologias do modelo único liberal – a dicotomia público/privado (MONTEIRO, 2012, p. 101-102).

Essa afirmação contribui para fomentar a reflexão sobre as diversas questões levantadas por esses movimentos, que lutam contra o sistema opressivo que tanto dificulta e impossibilita as mulheres de terem uma vida com direitos que lhes deveriam ser assegurados. Para conceituar feminismos, partiu-se de algumas teóricas, a saber:

A escritora e ativista social estadunidense Bell Hooks define o feminismo como “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2018, pos.<sup>2</sup> 1). Acerca dessa definição, pode-se refletir sobre duas pautas importantes para os movimentos feministas: o sexismo e a opressão.

Barbara Smith define o feminismo como a teoria e a prática de libertação de todas as mulheres: racializadas, pobres, lésbicas, trabalhadoras, com deficiência, idosas e, também, as economicamente privilegiadas e heterossexuais (1979 *apud* BURIGO, 2020). A partir dessa

<sup>1</sup> A definição dada pela autora está presente em sua contribuição para o Dicionário das crises e das alternativas (2012).

<sup>2</sup> Pos. significa posição.

definição, pode-se refletir sobre uma temática essencial tanto para os movimentos feministas como para os estudos de gênero: a pluralidade existente entre as mulheres.

Para Nancy Hartsock, o feminismo é um modo de análise, uma forma de tratar a vida e a política, bem como um método de fazer questionamentos e buscar respostas, e não algo que limite as conclusões políticas acerca da opressão sofridas por mulheres (1979 *apud* BURIGO, 2020).

Para a escritora Chimamanda Adichie (2014): “feminista é o homem ou a mulher que diz: ‘sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar’. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar” (ADICHIE, 2014, pos.1).

Segundo Ruth Abril<sup>3</sup>, muitas pessoas se identificam com o feminismo, porém não se dão conta disso. A autora justifica esse cenário com a dificuldade no entendimento da palavra feminista, isso porque alguns grupos acreditam que o termo é o contrário do machismo. Abril (2020) defende que esse conceito não cabe ao feminismo, pois este tem como propósito alcançar a igualdade de direitos no que se diz respeito às oportunidades entre mulheres e homens. E acrescenta:

*En realidad, el feminismo es una corriente que busca, como teoría, destruir la discriminación entre hombres y mujeres en la sociedad. Y, como movimiento, lo que pretende es visibilizar, sensibilizar y hacer que esas actitudes discriminatorias cambien. En ambos casos, lo que se busca es la eliminación de la discriminación y, por eso, digo que muchas personas son feministas sin saberlo: porque es normal reaccionar ante una injusticia. Yo, personalmente, defiando los derechos de las mujeres porque soy una firme defensora de los derechos humanos (ABRIL, 2020, s-p).*

Allison B. Wolf<sup>4</sup> defende o feminismo como um movimento que se dedica a reconhecer, compreender e contrapor as várias maneiras de opressão. Wolf (2021) destaca pontos que o movimento debate, são eles: I. a opressão de gênero existe; II. essa opressão não é natural, não é em função da natureza biológica de homens e mulheres, ou por leis naturais; e III. é possível se opor à opressão de gênero e agir com o objetivo de diminuí-la e posteriormente eliminá-la (WOLF, 2021). Wolf pontua um tópico fundamental em função da pluralidade dos movimentos feministas:

*Aunque todos los movimientos feministas afirman oponerse a la opresión, esto no significa que haya una manera de ser feminista. Muchos feminismos se distinguen entre sí por sus interpretaciones de cuál es la fuente de opresión y qué es necesario*

---

<sup>3</sup> Professora da Universidade espanhola Cardenal Herrera e assessora de gênero.

<sup>4</sup> Coordenadora de pós-graduação e professora componente do departamento de filosofia da Universidade dos Andes e autora da obra *Just Immigration in the Americas: A Feminist Account*,

*hacer para superarla. No hay un feminismo, sino muchos feminismos* (WOLF, 2021, s-p).

Com essas colaborações, Wolf demonstra que, apesar de todos os movimentos feministas reconhecerem e lutarem contra a opressão, há várias formas de compreender e contrapor a fonte de opressão. É indispensável que exista pluralidade dentro das pautas feministas, pois essa é uma forma de se pensar em maneiras para acabar com o “inimigo” em comum, assim como buscar soluções para que os movimentos feministas sejam cada dia mais abrangentes e acolhedores a todas as mulheres.

### **1.1.1 Breve cronologia dos movimentos feministas**

Para entender as histórias relacionadas aos feminismos e aos direitos que foram sendo conquistados, tratar-se-á do que algumas teóricas conceituam como as “ondas” dos feminismos. Zirbel<sup>5</sup> (2021) menciona a existência de três ondas que são discutidas nas temáticas feministas, as quais são intituladas de primeira, segunda e terceira onda.

A primeira onda do feminismo é datada no final do século XIX e início do século XX, e conta principalmente com participações de estadunidenses e inglesas. Nesta onda, o foco é a luta pelo sufrágio. Na segunda onda, já com pautas feministas sendo debatidas em diversas partes do mundo, a frase “o pessoal é político”<sup>6</sup> foi um marco, pois as mulheres começaram a perceber que diversas atitudes ocorridas no cotidiano, eram reflexos de como a sociedade as enxergavam. Dessa forma, as mulheres nos anos 60 exigiam ser respeitadas e ter os mesmos direitos que os homens. Segundo a autora, a terceira onda, que teve início na década de 1980 e que perdura até hoje, é lembrada por inúmeros debates sobre a compreensão de que mulheres possuem necessidades diferentes, além de manifestações em massa exigindo por direitos (ZIRBEL, 2021). Cabe salientar que há teóricas que afirmam que se está vivendo uma quarta onda, sendo que esta é marcada pela presença da tecnologia, que tem como papel possibilitar a união e facilidade nos debates de interesse das pautas feministas.

Com apoio de pesquisas e estudos, percebe-se um fato necessário de ser abordado e debatido. Ao se listar algumas conquistas das lutas feministas e as reivindicações que estavam sendo feitas, identifica-se que algumas mulheres foram privadas de participarem ativamente nas áreas que as interessavam, o que as impediu também da possibilidade de construir uma realidade que fosse justa e igualitária.

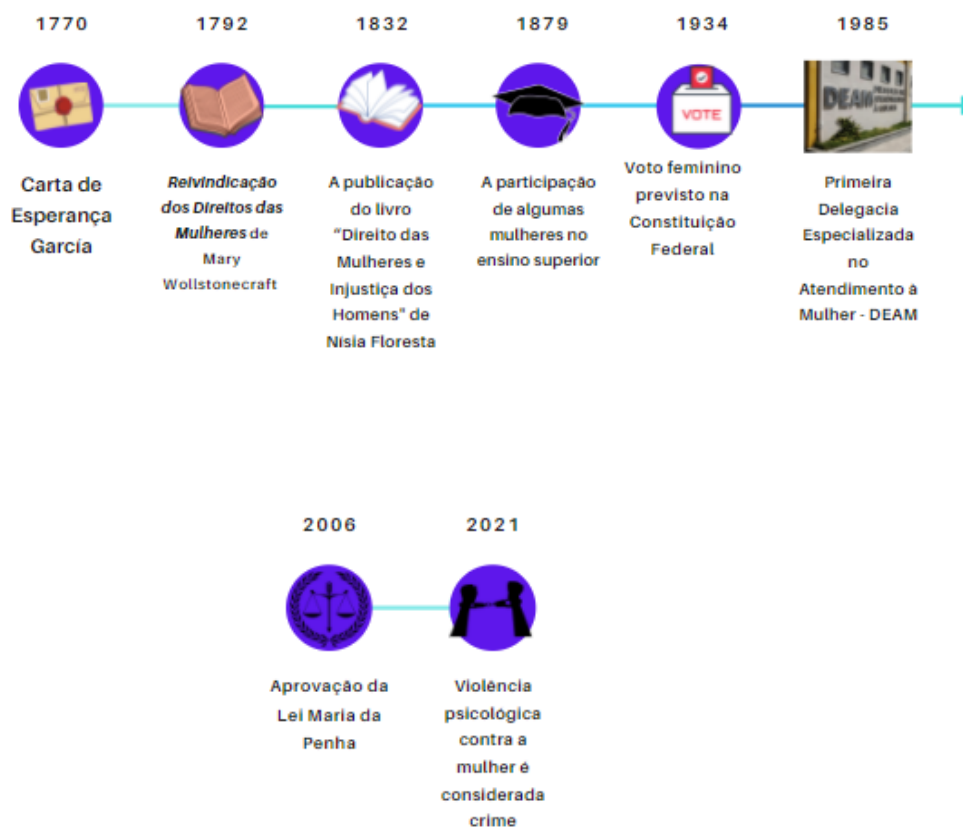
---

<sup>5</sup> Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina

<sup>6</sup> Expressão utilizada na segunda onda do feminismo. O seu significado era relacionado às práticas sociais, pois qualquer uma delas poderia se tornar tema para discussões.

Portanto, será apresentada uma breve linha do tempo com o intuito de relatar alguns dos marcos históricos. Mesmo com séculos de silenciamentos acerca das experiências femininas, foi possível traçar alguns momentos importantes a partir da perspectiva feminista.

### UMA BREVE CRONOLOGIA DOS MARCOS HISTÓRICOS



Fonte: elaboração própria

Alguns deles destacados por produções escritas, como os casos de Esperança García, uma mulher brasileira negra e escravizada que escreveu uma carta (1770) reivindicando seus direitos e de seus filhos; a obra “Reivindicação dos Direitos das Mulheres” (1792) de Mary Wollstonecraft e a produção de Nísia Floresta em 1832 com a publicação do livro “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Segundo a historiadora e pesquisadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, Nísia Floresta não realizou a tradução da obra “Reivindicação dos Direitos das Mulheres” (1792) de Mary Wollstonecraft, mas sim traduziu um tratado com o título de *Woman Not Inferior to Man*, que é escrito por uma pessoa que usa o pseudônimo de “Sophia”.  
[https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/#\\_ftn1](https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/#_ftn1)

Além da produção escrita, houve conquistas em contexto brasileiro em relação à direitos, que não foram alcançados facilmente, a saber: a participação em 1879 de algumas mulheres no ensino superior; o voto feminino previsto na Constituição Federal<sup>8</sup> em 1934; a inauguração da primeira Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) em 1985; a aprovação da Lei Maria da Penha em 2006; o reconhecimento de violência psicológica contra a mulher como crime em 2021 etc. Essas são somente algumas das muitas conquistas que foram alcançadas graças a determinação e reivindicações de mulheres.

Essas e tantas outras conquistas refletem em direitos assegurados por leis, entretanto, ainda são violados. Na teoria, essas garantias legais possibilitam a participação de mulheres em diversos âmbitos, porém, é importante refletir e reconhecer que isso não acontece de forma igualitária para todas as mulheres, fato esse que será desenvolvido ao longo deste tópico.

Diante do que foi apresentado anteriormente, pode-se tratar sobre a pluralidade existente nos feminismos que contam com diversas vertentes, a modo de exemplo: feminismos negros, feminismos trans, liberais, interseccionais, marxistas, radicais etc. Todas são necessárias para as discussões que impulsionam as lutas feministas, pois estas possibilitam que debates que antes eram “tabus” se tornem pautas para discussões e possíveis soluções. Quando é analisada a história dos feminismos, é possível identificar que umas das vertentes foi extremamente necessária no processo de reconhecimento da pluralidade existente entre as mulheres e suas experiências: os feminismos negros. Porém, cabe reforçar que essa é uma das várias vertentes, e que todas contribuíram e contribuem, a partir de seus objetivos e ideais, para os movimentos feministas.

Com o propósito de demonstrar a importância dos movimentos feministas negros, será apresentado um breve recorte baseado nas colocações dadas por Katemari Rosa<sup>9</sup> (ROSA, 2020). Os pontos que serão abordados têm como foco apresentar alguns momentos históricos que foram importantes para as pautas dos movimentos feministas negros, além de contribuir para reflexão e entendimento de que cada mulher tem sua singularidade.

Partindo da análise sobre os movimentos feministas, percebe-se que as mulheres negras foram excluídas de pautas e reivindicações feitas ao longo dos séculos. Enquanto mulheres brancas e com condições financeiras estavam produzindo livros e artigos, mulheres negras estavam sendo escravizadas tendo seus direitos humanos violados, a título de exemplo;

---

<sup>8</sup> <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/a-conquista-do-voto-feminino/index.html>

<sup>9</sup> Pesquisadora e doutora em Science Education pela Columbia University. As contribuições feitas por Katemari Rosa foram ministradas no módulo intitulado “Feminismos Negros” do curso “Feminismos: algumas verdades inconvenientes” ofertado pela UFRGS. <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=100>



somente no ano de 1807, foi proibido pelo governo inglês o comércio de pessoas escravizadas<sup>10</sup>. Com isso houve ações para que acontecesse a abolição do tráfico internacional. Mesmo com a pressão internacional, só em 1888, foi declarada extinta a escravidão no Brasil através da lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888<sup>11</sup>, mais conhecida como Lei Áurea.

Ainda que a realidade opressora dificultasse a participação de mulheres negras em debates relacionados à direitos civis, sociais e políticos, no ano de 1934, Antonieta Barros, jornalista e educadora, participou de discussões nas quais defendia principalmente que o voto feminino deveria ser um direito. Ainda no mesmo ano, ela conseguiu ser eleita deputada pelo Partido Liberal Catarinense, e tal acontecimento, resultado de sua luta, fez com que Antonieta se tornasse a primeira mulher eleita Deputada Estadual do Brasil.

Anos depois, movimentos foram criados e conquistas foram alcançadas, principalmente pela luta e determinação de mulheres como Antonieta de Barros. Alguns desses marcos foram: o 1º Encontro Nacional das Mulheres Negras em 1988; a inclusão na Rede de Ensino brasileiro temas de estudo relacionados à História e Cultura Afro-Brasileira; a aprovação da Lei 12.288/2010<sup>12</sup>, mais conhecida como Estatuto da Igualdade Racial, que estabelece políticas públicas com o objetivo de promover a igualdade racial; e a criação de ações afirmativas como a Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012<sup>13</sup> (mais conhecidas como a Lei das Cotas), que aborda sobre o ingresso nas universidades federais, assim como em instituições federais de ensino técnico de nível médio e outras determinações.

Ao fazer um levantamento desses acontecimentos e analisar o contexto histórico, é possível identificar que as conquistas feministas, muitas vezes acabavam/acabam excluindo outras mulheres, principalmente as que não são brancas, que não foram incluídas em debates e que sequer tiveram suas dores e opressões nomeadas. Ao não pensar em todas as pessoas que se identificam com o gênero feminino, é possível que elas não sejam incluídas em políticas públicas e, como resultado, podem ficar à margem da sociedade e sem acesso a direitos que garantem a possibilidade de terem o mínimo, como a dignidade humana.

Sendo assim, entende-se que o feminismo negro, igualmente que outras vertentes que lutam para a inclusão de todas, contribui para o objetivo fundamental que é a compreensão da individualidade existente em cada cidadã. Com isso, é primordial o reconhecimento de que há pessoas que são oprimidas para além da questão de gênero. Desta forma, é criado um caminho

---

<sup>10</sup> [http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/pressao\\_inglesa.html](http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/pressao_inglesa.html)

<sup>11</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm)

<sup>12</sup> Lei - Estatuto da Igualdade Racial [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112288.htm)

<sup>13</sup> Ingresso nas universidades federais [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)

para que seja debatido soluções para combater as opressões que reforçam a exclusão de milhares de mulheres. Logo, é necessário refletir e garantir a pluralidade dentro dos movimentos em prol das mulheres, para que nenhuma seja excluída das discussões que possibilitam a melhoria de suas vidas.

## 1.2 Estudos da tradução x tradução feminista

A tradução é uma ótima forma de alcançar diversas pessoas, culturas, histórias e isso é possível por conta do trabalho de quem se dedica ao ofício de traduzir. Com o processo tradutório, é possibilitada a difusão de várias narrativas e conhecimentos que são disponibilizados a pessoas que não têm acesso a um determinado idioma. Contudo, a tradução vai além disso, com ela é possível refletir sobre outros fatores que são perceptíveis na sociedade.

Blume (2010) afirma que os estudos da tradução proporcionam a reflexão de que traduzir supera a ideia de um processo simples de transferência linguística neutra, através do qual se pode alcançar uma suposta equivalência ou fidelidade. Ou seja, durante o processo tradutório, muitos fatores são considerados, sejam eles culturais e/ou linguísticos, e ao se pensar em fidelidade, o ato de traduzir é limitado a uma função de transferência que às vezes deixa de lado questionamentos e considerações essenciais.

E a respeito da relação entre os Estudos de gênero e da tradução? Ainda de acordo com Blume (2010), que trata desse assunto utilizando a contribuição da autora Luise von Flotow, a qual afirma que as mulheres foram excluídas de uma formação profissional de importância e, conseqüentemente, do contexto social. Algumas delas, na época, se dedicaram à tradução como uma alternativa possível no momento, entretanto, isso só foi aceito porque a tradução era representada como atividade secundária e até “traidora”, representação relacionada a estereótipos misóginos.

Percebe-se, portanto, que os feminismos e os estudos gerados a partir destes movimentos colaboram, desde a perspectiva tradutória até reflexões importantes como a análise de traduções de obras que tiveram intervenções que prejudicaram a escrita e difusão de ideias desses trabalhos realizados, principalmente quando esse foi desempenhado por mulheres.

Um exemplo de intervenções deste tipo durante o processo tradutório é o caso da primeira tradução ao inglês da obra “*Le deuxième sexe*” (1949) de Simone de Beauvoir. A tradução para o inglês (*The Second Sex*) foi feita em 1952 por Howard Parshley. Porém, suas decisões relacionadas à tradução foram problemáticas. Conforme Blume (2010), Margaret

Simons<sup>14</sup> produziu uma crítica acerca da tradução de Howard Parshley, onde ela aponta diversas escolhas que o tradutor fez e que são questionáveis, por exemplo: aproximadamente 12% da obra original foi apagada, em especial as notas da autora. Da mesma forma, as referências a relacionamentos lésbicos e setenta e oito mulheres (líderes militantes, políticas, artistas, santas etc.) mencionadas por Simone de Beauvoir foram deletadas na tradução. O tradutor, ao tomar essas decisões, interferiu no conteúdo estudado e abordado pela autora fazendo-a parecer confusa, o que prejudica quem lê a obra traduzida, pois esta tem uma ideia diferente e manipulada do que foi apresentado no texto original.

A união dos estudos da tradução e de gênero oferecem possibilidades para que as traduções considerem questões de gênero e, também, oportunidades de resgatar textos que foram traduzidos de forma sexista, bem como a realização de projetos de tradução cujo objetivo é dar lugar a trabalhos produzidos por mulheres, criando assim uma rede de apoio e de destaque através desse ato político. Cabe destacar que a prática de tradução feminista não abrange somente a teoria ou observações sobre o processo tradutório, ela possibilita trabalhar da mesma forma com textos feministas e propor traduções viabilizando que outras pessoas tenham acesso a esses trabalhos, criando essa conexão em que são partilhados conhecimentos e vivências.

Diversas mulheres de países distintos lutaram para contribuir em pautas feministas, que contribuíram para discussões e melhoria na qualidade de vida das mulheres. Dentro do âmbito tradutório e feminista, há um nome de grande destaque aqui no Brasil: a escritora e educadora Nísia Floresta que desenvolveu vários trabalhos. Entretanto, será destacado aqui a sua produção na tradução. A tradutora possibilitou que houvesse um espaço para discussões sobre leis e discursos patriarcais, onde ela encara a tradução como um caminho que dá acesso à palavra e, também, à difusão de reivindicações de mulheres que eram silenciadas. Ademais, em seus processos tradutórios, Nísia Floresta, em formato crítico, questiona e analisa o mundo dos homens, assim como afirma a resistência das mulheres a essa hegemonia através da escrita e da leitura (COSTA, P.; AMORIM, L., 2019, p. 1233).

Para abordar os pontos de interesse em função dos estudos de gênero e de tradução, será usado as contribuições mencionadas<sup>15</sup> pela teórica galega Olga Castro<sup>16</sup>. A escolha em citar Olga Castro se deu por se tratar de uma referência internacional em função de tradução feminista e tem linhas de pesquisa voltadas para os Estudos feministas de tradução desde a

---

<sup>14</sup> Autora e jornalista australiana.

<sup>15</sup> As estratégias mencionadas por Olga Castro, são realizadas pelas tradutoras canadenses e que segundo von Flotow (1991: 74-84) foram sistematizadas depois como *supplementing*, *prefacing*, *footnoting* y *hijacking the text*.

<sup>16</sup> Natural da Galícia (Espanha), é professora titular de Estudos de tradução na Universidade de Warwick no Reino Unido.

perspectiva transnacional e interseccional, as políticas de tradução em culturas, nações e estados, temáticas que interessam neste trabalho.

Quando se trata acerca da tradução feminista, não há como não mencionar as traduções feministas canadenses. Segundo Castro Vázquez (2009), a tradução feminista canadense é formada por uma corrente de trabalho e pensamento que tem como objetivo o uso de ideologia feminista na tradução como alternativa que pode desenvolver novas vias de expressão para desfazer a carga patriarcal, tanto da linguagem quanto da sociedade. A autora comenta o processo de construção desse trabalho, a finalidade e os responsáveis, a saber:

*El traductor y traductoras feministas canadienses (Howard Scott, Barbara Godard, Marlene Wildeman, Susanne de Lotbinière-Harwood o Luise von Flotow) traducían a inglés textos literarios vanguardistas de autoras francófonas de Québec, caracterizados por atacar desde la con(s)cienza las convenciones misóginas del lenguaje patriarcal y por construir una cultura literaria feminista paralela, todo ello reflejando una fuerte influencia de las teorías posmodernas del lenguaje. A partir de estos textos las traductoras canadienses conciben la traducción como una continuación del proceso de creación y circulación de significados dentro de una red contingente de discursos (CASTRO VÁZQUEZ, 2009, p.64).*

Entretanto, as estratégias utilizadas nas traduções feministas canadenses foram alvos de várias críticas. De acordo com Arrojo (1995 *apud* CASTRO VÁZQUEZ, 2009), essas críticas tinham como foco a afirmação de que as escolhas usadas caíam no *infamous double standard* das teorias tradicionais de tradução, fazendo com que as estratégias tivessem como base uma ética contraditória. Além do mais, o objetivo dessas traduções consistia em *making language speak for women* e em todas as situações acabavam associando a tradução feminista com uma ação essencialista que apaga as diferenças entre as próprias mulheres, fazendo uso de um conceito universal das mulheres como grupo oprimido (CASTRO VÁZQUEZ, 2009).

Djamila Ribeiro (2018) comenta sobre a problemática de se universalizar as mulheres sem considerar que cada mulher tem sua necessidade: “O movimento feminista precisa ser interseccional, dar voz e representação às especificidades existentes no ser mulher. [...] É necessário entender de uma vez por todas que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com a tentação da universalidade, que só exclui” (RIBEIRO, 2018, p. 31-35).

Portanto, quando se trata da temática feminista, é necessário atentar-se principalmente no fato de que, apesar do patriarcado, sexismo, machismo atingir a todas as mulheres, tem que ter consciência de que há outras opressões que as atingem, como por exemplo, opressões relacionadas à raça, classe, homofobia, transfobia etc. Não se deve colocar as mulheres em posições as quais se parte do ponto de que todas serão atendidas se tratar ou falar somente do sexismo, é essencial ir além.

Em relação a isso, a tradução, especialmente através das publicações de obras traduzidas, contribuiu para os estudos de gênero, pois permitiu que a pluralidade de ideologias feministas fosse difundida. Com a tradução de produções acerca da temática de gênero, foi possível conhecer as experiências vividas por distintas mulheres. Com isso, finalmente se constatou de que o gênero não era/é o princípio que unifica todas as mulheres, mas sim que a universal opressão de gênero assume graus e modos diferentes quando se trata da cultura e sociedade que cada mulher vivencia (CASTRO VÁZQUEZ, 2008).

Durante o processo tradutório, a tradutora ou tradutor se vê em situações em que, por vários motivos, ela(e) pode intervir no texto, e essas intervenções acontecem desde sempre (relembra-se o caso da primeira tradução ao inglês da obra “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir). As intervenções podem ter um viés desonesto, como o que foi citado, no entanto, também podem ser tentativas de não permitir que a ideologia patriarcal se torne naturalizada no texto traduzido. De acordo com Olga Castro (2008), ao partir do ponto de vista de gênero, a(o) profissional de tradução pode estar ciente de suas intervenções e entender que ela(e) pode aderir à ideologia patriarcal ou à ideologia feminista. Há ainda o caso em que o(a) tradutor(a) se negue a intervir no texto e, inconscientemente, neste caso, o resultado é necessariamente de uma adesão à ideologia dominante: a patriarcal. Por se tratar de um pensamento dominante, é algo tratado como incontestável e natural, sendo que em muitos dos casos, as problemáticas nem são levantadas e refletidas.

Olga Castro afirma que ao traduzir, desde o viés de gênero, pode ser que a tradutora ou tradutor se depare com algumas dificuldades, a saber: quando o gênero não está marcado, entretanto, os aspectos estruturais da língua em questão obrigam a especificação. A modo de exemplo, a autora usa a frase *hizo los deberes* que caso a intenção fosse reescrevê-la em inglês, seria necessário incluir obrigatoriamente alguma informação em função ao gênero, tendo como opções igualmente válidas as seguintes traduções: *He did his homework* ou *She did her homework* (CASTRO VÁZQUEZ, 2018, p. 291).

Dificuldades como a supracitada servem para que pesquisadoras e pesquisadores investiguem, questionem e talvez consigam conclusões sobre problemáticas em que os estudos de gênero e de tradução possam contribuir. Após pesquisas e reflexões, foi constatado que frequentemente o gênero feminino era invisibilizado no processo tradutório. Em consequência, havia a adesão de uma ideologia dominante patriarcal. Com isso, quando uma tradutora decide por não aderir a um posicionamento ideológico em concreto, a ideologia dominante é a que é usada e prevalecida. Quando isso acontece, as tradutoras e/ou tradutores acabam adotando o *Man Principle* ou “Princípio Masculino como Norma” que está relacionado a quando o sujeito

não tem gênero conhecido e tampouco marcas de gênero, mas ainda assim o masculino é preferencialmente escolhido (CASTRO VÁZQUEZ, 2008). A autora ainda propõe reverter essa situação ao afirmar:

*Tras haber constatado los problemas de traducción y la tendencia a pensar y traducir “en masculino”, la traducción feminista propone soluciones para revertir esta situación y liberar al lenguaje de su carga patriarcal, reivindicando que los feminismos, como movimiento político, pueden legítimamente usar el lenguaje como intervención cultural y aprovecharlo para sus propios fines en la escritura y en la reescritura/traducción (CASTRO VÁZQUEZ, 2008, p. 293).*

Para realizar intervenções na linguagem através de traduções com o fim de libertar a linguagem de sexismos e de estruturas patriarcais, tradutoras e tradutores conscientemente utilizam de estratégias em textos feministas e, também, em textos não feministas. Segundo Olga Castro (2008), há algumas estratégias básicas as quais podem ser utilizadas na tradução e que auxiliam na construção de uma linguagem não sexista, como também de dar visibilidade às mulheres no discurso de um texto assim como suas experiências. A autora menciona quatro possíveis estratégias<sup>17</sup>: suplementação (ou compensação), metatextualidade, sequestro e reescrita/reescritura feminina.

A suplementação se trata de uma estratégia utilizada em traduções com objetivos feministas e, por meio desta, a tradutora intervém no texto, principalmente quando há diferenças entre as línguas e/ou sistemas culturais do texto fonte (T.F) e texto alvo (T.A) relacionados, como exemplo, as conotações e marcas de gênero. A metatextualidade tem como foco a inclusão de prefácios, notas da tradutora ou tradutor e outros tipos de paratextos que possibilitam que o processo de tradução possa ser explicado, assim como expor as intenções políticas da tradução e justificar as intervenções realizadas no texto. A estratégia intitulada como sequestro possibilita que a(o) profissional de tradução se aproprie do texto, sendo que as intenções podem não ser necessariamente feministas. Nesta estratégia, há algumas alternativas a serem tomadas: I) introdução de neologismos (isso quando a linguagem patriarcal não oferece possibilidades para tratar a realidade desde o ponto de vista feminino); II) a inclusão de mudanças que não fazem parte da versão original; III) a substituição do masculino genérico pelo feminino genérico ou formas inclusivas; IV) a inversão de elementos sexistas; e V) a criação de paródia etc. Por fim, para a estratégia de reescrita, Olga Castro menciona *Dépêche* e seu “pacto especular”. Com essa estratégia, é possível utilizar da escrita/reescrita no feminino

---

<sup>17</sup> Estratégias utilizadas pelas tradutoras canadenses e que autoras como Olga Castro e von Flotow abordam em seus trabalhos sobre tradução.

desde uma colaboração entre a autora e a tradutora, fazendo com essa parceria seja um processo de co-autoria.

Essas são algumas das estratégias e/ou formas para se traduzir a partir de contribuições dos estudos de gênero e, também, dos estudos tradutológicos. É importante ressaltar que tais interferências implicam em melhorias e maneiras de realizar traduções inclusivas que deem visibilidade, principalmente para pessoas que por anos foram “apagadas” da língua e da história. Com a tradução feminista, o processo tradutório realizado é mais consciente em função das opções linguísticas que podem ou não serem utilizadas.

Com o intuito de contribuir para as discussões sobre linguagem inclusiva, será apresentado parte da tabela que é o resultado de pesquisa sobre manuais e guias que possuem temáticas relacionadas à linguagem inclusiva, não sexista. As produções estão em português e espanhol pois elas auxiliarão no processo tradutológico deste trabalho.

**Tabela 1**

<b>Nome</b>	<b><u>Autoras/es e/ou responsáveis pelo material</u></b>	<b><u>Ano de publicação</u></b>	<b><u>País/Estado</u></b>	<b><u>Idioma</u></b>
Guía para un uso no sexista de la lengua	Consejo Superior de Investigaciones Científicas	2019	Espanha	Espanhol
Manual Prático de Linguagem Inclusiva – Uma rápida reflexão, 12 técnicas básicas e outras estratégias semânticas	André Fischer	Junho, 2020	Brasil, Vila Madalena, São Paulo	Português
Orientaciones para un uso de lenguaje NO SEXISTA E INCLUSIVO	Gobierno do Chile	-	Chile	Espanhol
Manual para o uso não sexista da linguagem – O que bem se diz bem se entende	Governo do Estado do Rio Grande do Sul	2014	Brasil, Rio Grande do Sul	Português

Fonte: elaboração própria.

Os materiais apresentados são úteis e podem contribuir na tradução feminista e, também, nos debates dos Estudos da Tradução e de Gênero, possibilitando que a produção de estudos, cartilhas, manuais e guias aumentem. Com isso, é possível fomentar as discussões e, deste modo, as traduções podem ser mais criteriosas no objetivo de incluir todas as pessoas.

## Capítulo II: *Que explote todo: Arelis Uribe e as crônicas*

### 2.1 Crônica como gênero

A crônica é um gênero textual que gera muitas discussões, principalmente quando há a intenção de compreender mais sobre o assunto, tendo como um dos motivos o fato dela estar presente em duas áreas: a literatura e o jornalismo. No entanto, antes de abordar mais sobre os locais em que a crônica pode estar presente, é necessário trabalhar com sua definição.

O gênero textual está relacionado com a noção de tempo, e isso pode ser percebido na etimologia da palavra. Heloísa Amaral afirma que o termo crônica está relacionado à palavra grega “*khrónos*”, que tem como significado o vocábulo “tempo”. Como há vários significados para a definição deste gênero, será abordado algumas contribuições de estudiosas e estudiosos da área para compreender melhor o material de estudo deste trabalho (AMARAL, 2008).

Moura (2008) contribui para a definição de crônica quando salienta:

Crônica é então uma divagação desinteressada que se transforma em pequeno ensaio no qual a síntese se sobrepõe ao desdobramento das sugestões ou idéias pessoais e íntimas de que está formada a sua substância e transforma o ensaio em crônica com certo fim previsto. A crônica é também uma espécie de mundo e por isso, mundo do próprio narrador e não poderia fugir à comunicação direta: de cronista para leitor através de amenidades, lembranças, fantasias (MOURA, 2008, p. 04).

Além de reforçar a ideia de que normalmente a crônica parte de algo trivial, Moura (2008) aborda sobre como a crônica é uma forma de mundo e com isso, ao se ler uma produção deste gênero, está conhecendo sobre o mundo de quem a escreve, este faz isso através da comunicação direta em que a/o cronista conduz a leitora ou o leitor por meio de recordações, devaneios etc.

Candido (2003), crítico literário, em sua contribuição sobre a crônica afirma:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor (CANDIDO, 2003, p. 89).

Essa afirmação é relevante apesar de gerar controvérsias, já que leva a possível interpretação de que a crônica é um gênero inferior em relação aos outros pertencentes à literatura. Barbosa (2017) contesta essa afirmação, levantando questionamentos sobre até que parte se pode compartilhar da afirmação de Candido (2003) além de levantar pontos



interessantes para se refletir e exaltar características do gênero, a modo de exemplo: a liberdade da pessoa que produz crônicas em passear pela fantasia, mas também pela realidade. Além da afirmação supracitada, Candido (2003) faz considerações que salientam o que foi compartilhado neste trabalho por estudiosas(os) já mencionadas(os). O autor afirma que a crônica pode ser como um caminho para a vida, mas também para a literatura, assim como declara que este gênero se adequa à sensibilidade do dia a dia. Com sua “simplicidade”, a crônica consegue alcançar uma linguagem mais próxima de quem a lê.

Em função aos tipos de crônicas, Luiz Beltrão (1980), que parte de critério jornalístico, entende que este gênero textual possui duas classificações. A primeira relacionada à natureza do tema e a segunda referente ao tratamento dado ao tema. Para o autor, na primeira classificação, há três formas de crônica, as quais ele as intitula; crônica geral, crônica local e crônica especializada.

Segundo Beltrão (1980) a crônica geral, que tem espaço fixo no jornal, tem como característica permitir que a autora ou autor desenvolva sobre diversos temas. Já a crônica local, também denominada como “da cidade” ou “urbana”, narra sobre o dia a dia da cidade e pode acontecer que este texto não tenha subtítulo. Por fim, em relação à primeira classificação dada pelo autor, há a crônica especializada, que se caracteriza quando a autora ou autor é especialista em algum assunto, e sua produção textual é realizada com foco na área de domínio dela(e).

Acerca da segunda classificação, Beltrão (1980) afirma que há três características, sendo elas: analítica, sentimental e satírico-humorística. Na crônica analítica, é possível observar que os fatos são tratados brevemente e depois abordados de forma objetiva. A(O) cronista, nesse caso, utiliza mais o intelectual do que a emoção, e a linguagem é mais formal. A crônica sentimental é a qual prevalece a emoção, tendo como destaque a linguagem usada com o objetivo de causar a sensibilidade da leitora e/ou do leitor. Para isso, são usadas estratégias, como a utilização de mais gerúndios e qualificativos. Finalmente, a crônica satírico-humorística tem como propósito criticar, ironizar e/ou ridicularizar situações, personagens e/ou fatos, com o intuito de fazer com que a pessoa que leia crônicas com essas características seja alertada ou entretida.

Para Ramos (2012), a crônica é um gênero textual o qual muito se estuda e se debate, principalmente no que diz respeito a sua localização e/ou pertencimento, já que ela pode ser encontrada tanto no âmbito literário quanto no jornalístico. Nesse sentido, sustenta Ramos:

A crônica, gênero brasileiro eminentemente híbrido, tem estruturas narrativas que passeiam pelo jornalismo e pela literatura, cuja poeticidade ficcional das sensações e dos sentimentos universais humanos é transmitida por meio de uma estrutura

verossímil. Normalmente publicada em jornais e revistas, a crônica fica entre a morte simbólica do jornal no fim do dia, com as informações velhas, e a permanência como texto literário, proporcionada com a publicação em livro (RAMOS, 2012, p. 01).

Ramos (2012) afirma que entre a área jornalística e a literária há uma linha tênue a qual para compreender é fundamental que exista uma reflexão sobre os diversos componentes que contribuem para a aproximação e/ou distanciamento delas. Ao analisar as duas áreas, nota-se que a característica de domínio da palavra é compartilhada tanto por uma quanto por outra. O uso dessa qualidade é no intuito de explorar a melhor forma de representar determinado assunto, seja ele parte da realidade ou do universo imaginário. Cabe ressaltar que o domínio do discurso não se refere somente sobre o extenso conhecimento de uma língua e de suas estruturas gramaticais, mas também no que diz respeito à narração assim como as alternativas estilísticas. Além de informar sobre o assunto, a autora ou o autor tem como objetivo desenvolver uma escrita precisa, na qual é possível contar uma história que gere interesse.

De acordo com Moura (2008), o gênero textual crônica é elaborado para estar relacionado à imprensa, às páginas de jornais e revistas, e depois estar presente em livros. Esse gênero, atualmente demonstra ter identidade própria, estando entre as linhas do jornalismo e da literatura, fazendo com que a grande diferença seja o uso da linguagem. A forma como a crônica é escrita faz com que o vocabulário seja uma união tanto do estilo literário quanto do jornalístico.

É essencial que o contexto histórico da crônica seja abordado, para que assim se possa compreender melhor a localização da crônica, suas transformações etc. Com a característica marcante de registrar um fato que ocorreu e de auxiliar na função de servir como memória do que já aconteceu, a crônica possibilitou que muitos fatos históricos pudessem ser conhecidos atualmente. Tendo como exemplo, na época da Idade Média, durante o período de circunavegações, os portugueses e espanhóis utilizavam da crônica para informar as ocorrências das viagens. Sendo assim, este gênero textual funcionou como documento que esteve relacionado a descrição cronológica dos eventos (SIEBERT, 2014).

Até o começo do século XIX, a função da crônica era a de ser um informe histórico, o qual as ações dos colonizadores eram o foco (SIEBERT, 2014). Entretanto, segundo Coutinho (2003), o gênero textual, ao ter contato com o Brasil, passou a ter outra visão: “a palavra foi ganhando roupagem semântica diferente. ‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado na literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo” (2003 *apud* SIEBERT 2014, p. 677).

A modificação semântica foi percebida após a inclusão do narrador brasileiro, isso se deu com a chegada da família real ao Brasil no ano de 1808 e, também, da permissão para a publicação de jornais no Brasil, no mesmo ano. Cabe ressaltar que até esse momento, quem escrevia e publicava no lugar do brasileiro era o europeu, o colonizador. Com isso, a Imprensa Brasileira teve a participação de novos escritores e uma nova maneira de produzir e divulgar a crônica. Além do mais, também houve uma mudança no conteúdo, em que o foco passou a ser o cotidiano do povo brasileiro, e nesse momento inclusive houve uma denominação “crônica à brasileira” que era uma forma de demonstrar o discurso daquele momento histórico (SIEBERT, 2014).

A história brasileira aparentemente tem muita relação com o gênero textual crônica, e isso pode ser percebido na carta de Pero Vaz de Caminha:

Muitos dizem que o início da nossa história literária é inaugurado por uma crônica. Neste caso, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrita na viagem do descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral com a missão de relatar a trajetória dos viajantes. Sua tarefa, rotineira não fosse o acaso dos lusos terem aportado por aqui, tornou-se nobilíssima justamente por ser o primeiro a contar o que se passava nas terras inóspitas (COSSARI, 2004?, p.02).

Apesar do “princípio” da história, supostamente ter sido registrada através de uma crônica, essa só foi ter um destaque maior anos depois, aproximadamente 300 anos, quando este gênero textual começa a fazer parte da imprensa brasileira na metade do século XIX (COSSARI, 2004?), como explica o trecho abaixo:

Contudo, a maior revolução da crônica no Brasil se deu mais de trezentos anos mais tarde, quando o gênero encontra guarida na embrionária imprensa brasileira, em meados do século XIX. O principal veículo da imprensa brasileira na época era o folhetim, mas não aquele que pariu diversas obras clássicas da época em fascículos. Folhetim levava também outra significação, a de espaço de rodapé na primeira página do jornal, com autor fixo. Aquela meia página se prestava aos mais variados assuntos, fazendo da sessão um verdadeiro “bazar asiático”, abrangendo diversos acontecimentos da semana, por mais dispares que fossem. (COSSARI, 2004?, p.02).

Com as contribuições de Cossari (2004?) acerca da crônica, é possível ter uma noção de como ela foi apresentada, neste momento, por meio dos folhetins, mas também quem era responsável pela escrita, seu *status* social, assim como também o público que tinha acesso à leitura naquela época. No Brasil, autores como José de Alencar e Machado de Assis escreviam e sobreviviam do jornalismo, produzindo crônicas para os folhetins do período, enquanto se dedicavam também a seus romances (AMARAL, 2008).

A crônica, assim como muitos outros gêneros textuais, foi adaptada a partir da realidade que estava inserida. Sendo assim, a linguagem, à época, o entendimento de mundo e até o meio

de publicação foram se modificando e as(os) cronistas também. Ao final do século XX e começo do século XXI, as crônicas foram adaptadas para meios virtuais, como *blogs* e assim seguindo e compartilhando relatos de coisas triviais, mas também questionando e fazendo reflexões sobre a história, a sociedade, pautas da atualidade etc. (SIEBERT, 2014). Independente do meio de vinculação, seja ele literário, jornalístico ou os dois, a crônica é um gênero textual que pode parecer confuso e menor, porém, em seu tamanho pequeno (em relação aos demais gêneros) e na sua simplicidade, ele cumpre um papel importante. “Talvez o sentido da crônica brasileira seja este: causar o estranhamento, desestabilizar, fazer do incerto seu tempero mais genuíno e, em sua errância, buscando outros discursos para participar de sua trama” (SIEBERT, 2014, p.683). Logo, este gênero textual se apresenta com mais complexidade do que se pode imaginar, usando de recursos que podem ser impactantes tanto pelas temáticas abordadas como também pela liberdade que a cronista ou cronista possui ao cria-la.

Como os materiais de estudo deste trabalho se localizam no Chile, é importante também ressaltar alguns pontos em relação ao gênero crônica nesse país. Após diversas pesquisas, não foi identificado o momento exato em que a crônica surgiu no Chile. Contudo, é possível observar algumas semelhanças em função da crônica brasileira, como a forma em que o gênero foi utilizado.

O gênero textual crônica, no Chile, assim como no Brasil, também está relacionado ao contexto histórico. De acordo com *Memoria Chilena*<sup>18</sup>, da Biblioteca Nacional do Chile, os primeiros<sup>19</sup> que utilizaram deste gênero no país citado foram os soldados. Estes decidiram registrar por escrito as experiências vividas na conquista do Novo Mundo. No século XIX, com a necessidade de fortalecer o sentimento de uma tradição cultural própria, a escrita das crônicas ganhou uma nova percepção e os meios de comunicação da época deram o suporte necessário. O início da relação entre a crônica e o jornalismo, na construção do gênero no Chile, é demonstrado da seguinte forma:

*Ese fue el sustrato en el que se gestó el movimiento literario de 1842, al cual pertenecieron José Joaquín Vallejo (Jotabeche) y Joaquín Díaz Garcés, quienes - dotados de un estilo mordaz y una aguda capacidad de observación- lograron acrisolar en sus crónicas una visión profunda del ser nacional. Posteriormente, el auge del periodismo moderno durante las primeras décadas del siglo XX propició el nacimiento de nuevos periódicos y revistas y, con ello, el desarrollo de un espacio privilegiado para el trabajo cronístico de escritores y periodistas (Memoria Chilena).*

---

<sup>18</sup> Centro de recursos digitais que apresenta pesquisas baseadas em documentos digitalizados pertencentes às coleções da Biblioteca Nacional do Chile. Disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-channel.html>

<sup>19</sup> Informação disponível em: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100593.html#presentacion>

Com o avanço da área jornalística, a crônica, gênero híbrido da literatura e do jornalismo, também se desenvolveu e possibilitou sua visibilidade, assim como a de suas/seus criadoras/es. Depois desses acontecimentos, a crônica consegue se consolidar como gênero textual e há o aumento considerável de leitores e leitoras. As(os) cronistas trabalhavam em retratar o seu cotidiano usando a linguagem simples e descrições criativas, permitindo a recriação de situações por meio da interpretação pessoal da testemunha-autor (*Memoria Chilena*, Biblioteca Nacional).

Alguns nomes tiveram destaque no decorrer da história das criações de crônicas chilenas ou relacionadas ao país. Segundo o *website memoria chilena* da Biblioteca Nacional do Chile<sup>20</sup>; alguns autores renomados nas épocas em que viveram foram: Jerónimo de Vivar, responsável pela escrita de “*Una relación copiosa y verdadera del Reyno de Chile*”<sup>21</sup>; Alonso de Ovalle, historiador e cronista espanhol que foi autor da “*Histórica relación del Reyno de Chile*”; Joaquín Edwards Bello, que utilizou de ironia e visão crítica em suas produções e estilo, além de abordar situações do Chile em sua época. Alguns dos cronistas trabalharam também em vários jornais e revistas, como foi o caso de Alberto Romero e Daniel de la Vega; que reuniram suas crônicas em 4 partes, com o título de “*Confesiones imperdonables*” (1962); Jenaro Prieto, quem utilizou do humor para fazer críticas sociais e ao governo. Na segunda metade do século XX, houve o destaque de diversos cronistas que apresentavam uma visão única da vida popular; como por exemplo Carlos León Alvarado, Rafael Maluenda, Hugo Silva e Sánchez Latorre.

Com essa breve exposição acerca das crônicas brasileiras e chilenas, podemos traçar alguns paralelos, como o provável “nascimento” deste gênero textual. Tanto no Brasil quanto no Chile, a crônica teve um papel importante para a história, pois ela serviu como documento para entender e registrar diversos marcos históricos. Outro ponto que pode ser observado nas crônicas dos dois países, é a relação entre o jornalismo e a literatura. Além disso, os temas também se assemelham: relato histórico, crítica social, relato de situações cotidianas a partir de perspectivas diferentes.

Atualmente, profissionais da área jornalística também desenvolvem produções de crônicas em colunas de jornais, tendo como temas críticas relacionadas a algum fator da sociedade ou algum assunto do momento. Essas crônicas podem ainda serem organizadas de formas que façam parte de um livro, como por exemplo o livro “Quem tem medo do feminismo

---

<sup>20</sup> Para as crônicas chilenas foi usado como referência, o website da Memoria Chilena da Biblioteca Nacional do Chile.

<sup>21</sup> BIBLIOTECA NACIONAL DE CHILE. Cronistas del siglo XVI. Memoria Chilena. Disponível em <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-576.html> . Acesso em 25/06/2021

negro?” (2018) de Djamila Ribeiro, que publicou algumas crônicas em *blog*, revista e jornal. Depois, algumas destas foram compiladas em seu livro. Quem também transformou suas crônicas, antes publicadas por meios de comunicação, foi Arelis Uribe com seu livro de antologias “*Que explote todo*”.

### 2.1.1 Crônica e ideologia

A definição do termo ideologia pode ser bem ampla, desde ideias antigas a discriminações ou também, por um lado positivo, o significado pode abranger diversas percepções que são válidas em um processo discursivo. Um fato importante sobre ideologia é que esta pode ser uma ferramenta para obtenção de consciência, assim como aprendizado sobre os conflitos de classe, o que possibilita o entendimento da história sobre as modificações processuais em função das relações de produção (PENELUC, MORADILLO, 2020, p. 310).

A filósofa e professora Marilena Chauí (2001, p.8) define ideologia como um conjunto de ideias políticas, históricas e sociais que garantem e mantêm a desigualdade social, controle político e exploração econômica. Para a autora, a ideologia é o resultado da divisão social do trabalho, principalmente no que se refere a separação entre trabalho manual/material e trabalho espiritual/intelectual, já que essa separação em função dos trabalhos estabelece a uma autonomia ofício intelectual em relação ao material.

Baldi (2013) destaca a ideologia desde a perspectiva de ser um fenômeno que tem como suporte material eventos da alienação e fetichismo da mercadoria (terminologias que são explicadas no decorrer de seu estudo) assim como também do evento da reificação. O autor acrescenta: “É, na verdade, o conjunto de ideias que constitui o reflexo, na consciência, de uma realidade que, em si mesma, se movimenta de maneira contraditória e se apresenta de maneira invertida. É, assim, uma representação *real* do aspecto fenomênico da realidade” (BALDI, 2013, p. 118). Com esse aporte, o autor destaca como a ideologia é constituída bem como é representada, o que contribui para a compreensão do termo supracitado.

Já para Noberto Bobbio (2007 *apud* PIMENTA, 2011), a ideologia é dividida em dois tipos, sendo um deles definido como fraco e outro como forte. O primeiro (fraco), na visão do autor, é um conjunto de valores relacionados, que tem como objetivo direcionar os comportamentos políticos coletivos. Já o segundo tipo (forte) se relaciona ao conceito defendido de ideologia por Marx, temática esta compreendida como falsa consciência dos vínculos de domínio entre as classes.

Para entender a relação entre crônica e ideologia, será usada a definição de ideologia dada pela filósofa Marilena Chauí, que entende essa área como um conjunto de ideias políticas, históricas e sociais. Mas o que a ideologia tem em comum, ou como ela pode se relacionar com a crônica? Esse gênero da literatura e, também, do jornalismo, por ter características que manifestam as observações de quem a escreve, pode revelar a ideologia a qual a(o) cronista acredita.

Sobre temáticas que são tratadas na crônica e como a(o) cronista pode se expressar através da sua produção literária. Amaral (2008) afirma:

Escrevendo como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos, os autores os envolvem com reflexões sobre a vida social, política, econômica, por vezes de forma humorística, outras de modo mais sério, outras com um jeito poético e mágico que indica o pertencimento do gênero à literatura. Assim, uma forte característica do gênero é ter uma linguagem que mescla aspectos da escrita com outros da oralidade (AMARAL, 2008, p.13).

Quando a crônica possui temas relacionados a contextos da vida social, política e até mesmo da história, pode-se conhecer através do que é narrado a percepção da autora ou autor, acerca das temáticas já citadas. Sobre crônica e ideologia, Mesa (2006) reforça:

*Se plasma la visión personal del cronista, aunque sin desvirtuar los hechos noticiables objetivos. La interpretación subjetiva del periodista nunca puede significar una distorsión de lo ocurrido, ya que por encima de las preferencias ideológicas del cronista está la objetividad de lo acontecido. Después, el periodista ofrece su particular visión sobre las causas que lo han motivado o las consecuencias que en el futuro pueden haberse originado. En resumen, el hecho de firmar la crónica otorga a su autor toda la libertad expresiva en su estilo personal, pero este principio siempre debe contemplar las limitaciones deontológicas de la veracidad de los hechos narrados (MESA, 2006, p.6).*

Esse gênero textual se dá a partir da perspectiva da autora ou do autor que tem lugar social, político, econômico, vivências, dentro da sociedade, o que contribui para a forma como a(o) cronista enxergue e retrate o mundo e conseqüentemente sua ideologia. A(O) cronista pode ter total liberdade ao narrar uma história, todavia, isso não quer dizer que a(o) responsável pela escrita da crônica tenha ou deva modificar a veracidade dos fatos abordados, mas sim que ela(e) tenha a total liberdade de se expressar dentro do seu estilo pessoal (MESA, 2006).

Logo, o gênero textual crônica, que é produzido a partir do lado pessoal da autora ou do autor, possui uma relação direta com a ideologia, ou seja, quando se lê uma crônica, está conhecendo sobre esse conjunto de ideias sociais, políticas e históricas ao qual pertencem a quem escreve esse gênero e que estão presentes e expostas de forma escrita.

### 2.1.1.1 Crônica feminista

Algo a ser refletido quando se trata sobre crônicas é o destaque de cronistas homens e a “ausência” de mulheres na produção deste gênero textual. Ao realizar pesquisas sobre cronistas do Brasil e do Chile, percebe-se que poucas mulheres (isso, quando alguma mulher era citada) eram mencionadas como cronistas e há, pelo menos, duas opções sobre a resposta para isso: I. Não havia produção de mulheres escrevendo crônicas ou II. As mulheres não podiam ou não lhes era dado o espaço ou oportunidade para desempenhar tal papel.

Ao analisar a literatura através das obras produzidas por mulheres, encontrou-se um caso que exemplifica a “falta” de autoras na literatura. O clássico “Orgulho e preconceito” de Jane Austen foi publicado em 1813 de forma anônima, entretanto, com as seguintes palavras: “Um romance. Em três partes. Escrito por uma dama”. Sendo assim, entende-se que havia contribuições à literatura por parte feminina, e provavelmente bem antes desta data, mas o patriarcado e machismo impossibilitaram que escritoras fossem reconhecidas como responsáveis por suas obras, tendo seu nome ocultado e usando de pseudônimos para que elas tivessem ao menos uma chance de serem lidas (COSTA, 2018).

O caso de Jane Austen ocorreu no ano de 1813, mas se engana quem acha que esta foi a última vez em que uma situação assim aconteceu, ou que é algo só percebido em 1800. Segundo Costa (2018), no ano de 1990, a escritora britânica J.K. Rowling, autora da série de livros de Harry Potter, após sugestão da empresa que publicou sua obra, escondeu seu primeiro nome, Joanne. Anos depois, em entrevistas, J.K. Rowling revelou que o motivo pelo ocultamento de seu nome se deu para que meninos tivessem interesse em sua obra, já que a assinatura se tornaria ambígua, impossibilitando de saber se o livro havia sido escrito por uma mulher.

Com a intenção de esclarecer a relação entre crônica e mulher, será abordado a contribuição de Dulcília Buitoni, (1985 *apud* PEREIRA, 2020, p.111) que entende esta relação como:

Crônica e mulher: uma relação raramente apontada, mas que apresenta muitos e antigos laços. Quando se pensa em crônica, a associação é: cronista homem. Aliás, os grandes cronistas brasileiros são homens. No entanto, houve e há cronistas mulheres. Mais ainda: mesmo de autores homens, os primeiros produtos em gênero incipiente que poderia ser chamado de crônica apareciam muito na imprensa feminina brasileira, isto é, eram dirigidos preferencialmente a um público de mulheres. (BUITONI, 1985, p.81, *apud* PEREIRA, 2020, p.111)

Com isso, reforça-se que a produção dentro do gênero crônica acontecia mulheres estavam escrevendo, debatendo e fazendo críticas à sociedade e o modo de vida desta só não estavam sendo reconhecidas. Esse fato é problemático tanto no presente quanto no futuro, pois



quando um trabalho não é valorizado e não é dada a possibilidade de se destacar, ele se perde na história.

Com a intenção de possibilitar um caminho para a leitura e/ou conhecimento de cronistas, será citadas algumas, tanto brasileiras quanto chilenas. No Brasil, temos as crônicas de Nísia Floresta, Carmen Dolores, Hilda Hilst, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Djamila Ribeiro<sup>22</sup> etc. Há também projetos que visam dar visibilidade para autoras e seus textos, como é o caso do blog *Blogueiras Feministas*<sup>23</sup> e o portal *Catarinas*<sup>24</sup>.

Já no Chile, não se encontrou informações sobre cronistas chilenas com grande destaque com temática feministas, como é o caso de Arelis Uribe. Porém, há projetos como por exemplo o *Cronistas Latinoamericanos*<sup>25</sup> que permite dar visibilidade a cronistas mulheres e não somente aos cronistas homens. Há também o projeto *esmifiestamag.com*<sup>26</sup> que trabalha com textos e autoras desde a perspectiva dos feminismos.

Por muitos séculos, as mulheres foram silenciadas e impedidas de produzir conhecimento, seja por não saberem ler/escrever (possibilidade essa que lhes era negada) ou porque não lhes eram dadas oportunidades, ferramentas e ou espaços. Atualmente, algumas mulheres possuem formas para se expressar e fazer com que suas histórias sejam reconhecidas por elas mesmas.

Desta forma, a crônica feminista é um meio literário em que as vivências e opiniões femininas são compartilhadas, portanto, é muito importante que produções e autoras deste gênero tenham cada dia mais espaço, seja no âmbito literário e/ou jornalístico. Desse modo, mais pessoas podem fomentar, desde suas experiências, em contribuições que valorizem mulheres e suas histórias.

## 2.1 Arelis Uribe

Arelis Uribe nasceu no ano de 1987 em Santiago, Chile, e é formada em jornalismo, além de ser mestre em Comunicação Política pela Universidade do Chile. Entretanto, também tem uma forte relação com a literatura, bem como os feminismos. Seu relacionamento com estes se fortaleceu desde que participou da organização feminista *Observatorio Contra el Acoso*

---

<sup>22</sup> Djamila Ribeiro, é colunista da Folha de São Paulo e ELLE Brasil.

<sup>23</sup> Blog com temática feminista. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/tag/cronica/>

<sup>24</sup> Catarinas é um portal de jornalismo especializado em gênero, feminismos e direitos humanos. Disponível em: <https://catarinas.info/>

<sup>25</sup> Disponível em: <https://cronistaslatinoamericanos.com/analisis/feminismo/>

<sup>26</sup> Disponível em: <https://esmifiestamag.com/sobre-emf/>

*Callejero* – OCAC<sup>27</sup> que trata e conscientiza sobre os assédios ocorridos na rua. Nesta, ela atuou como diretora de comunicação, além de publicar algumas crônicas para o *website* dessa organização.

O OCAC, com o esforço de todas as mulheres que se dedicaram a esse projeto, impulsionou uma lei contra o assédio sexual ocorrido nas ruas do Chile. Esta organização foi essencial para a escritora, pois foi neste lugar que ela conheceu os movimentos feministas, no ano de 2014. Na primeira crônica de seu livro *Que explote todo*, que leva o mesmo nome da obra, a autora conta mais sobre essa experiência na organização e em como essa participação surgiu da necessidade de contribuir politicamente em suas produções. Ainda nesta crônica, Arelis Uribe reflete sobre qual é sua intenção quando escreve:

*Cuando escribo no pretendo convencer, sino mostrar una postura. No quiero establecer verdades, sólo sembrar preguntas. También busco ordenar mis propias ideas. Hay gente que me ha dicho: qué bueno que escribiste eso, porque yo no sabía cómo decirlo. Que las columnas le sirvan a alguien para argumentar es mi mayor recompensa. me vuela la cabeza como funcionan las relaciones humanas. Trato de entenderlas, de revisarme a mí misma (URIBE, 2017, p.17).*

A respeito de seu estilo, a autora escreve com sensibilidade e utilizando de seus sentimentos para abordar um determinado tema. Geralmente, sua escrita é realizada desde uma perspectiva feminista e de classe, características essas que podem ser encontradas principalmente em suas primeiras obras. Por meio do ofício de escritora, ela registra e expõe suas emoções, assim como utiliza de recursos tanto do jornalismo quanto da literatura para cativar a leitora ou leitor. Para o momento de escrever, Uribe relata que o ambiente muitas vezes contribui, já que precisa se conectar consigo e transformar pensamentos e/ou fatos em histórias, e esse momento de criação e de conexão com suas emoções se faz necessário para que ela esteja em um ambiente sozinha, tomando algo, seja água ou chá.<sup>28</sup>

Em sua conta de Instagram, no início do mês de março do ano de 2016, a autora anunciou que iria publicar seu primeiro livro (*Quiltras*). No mesmo ano, a autora recebeu a notícia que havia ganhado, em primeiro lugar, o prêmio chileno *Santiago en 100 palabras*, em sua XV edição, com seu conto *Lionel*. Esse concurso literário é realizado desde 2001 e tem como objetivo convocar escritoras(es) que possuem ou não experiência, sendo que estas(es) têm o desafio de abordar a vida na cidade contemporânea com no máximo 100 palavras. Os contos ganhadores são exibidos e publicados em diversos meios de comunicação de grande

<sup>27</sup> Observatorio Contra el Acoso Chile. Chile, 2017. Disponível em: <https://ocac.cl/toda-mujer-tiene-un-recuerdo-asqueroso/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

<sup>28</sup> 13 Preguntas | Arelis Uribe. YouTube: Editorial Paraíso Perdido, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=exNr3cIRROg>

destaque do país, isso possibilita que as(os) autoras(es) donas(os) dos contos vencedores tenham mais visibilidade no âmbito literário – o que aconteceu com Uribe, já que através deste prêmio ela ficou mais conhecida por seu trabalho.

A escritora chilena é responsável pela produção de algumas obras, a saber: *Quiltras* (2016), *Que explote todo* (2017) e *Las heridas* (2021). *Quiltras*, livro publicado em 2016 pela editora *Los libros de la mujer rota*, é uma obra com contos curtos, que contém críticas às classes sociais e reflexões sobre experiências de algumas mulheres. Nesse livro, a autora intencionalmente faz com as mulheres sejam as protagonistas mulheres pobres, bissexuais, adolescentes etc.

O título do livro, que também é o nome de uma das crônicas, é importante de se mencionar. *Quiltra*, no Chile, é o nome dado aos cachorros de rua, e ao pensar em um nome feminino e no plural, Arelis Uribe, a partir do que queria escrever, decidiu que usaria *Quiltras*, para descrever a essas mulheres que têm suas realidades ignoradas pela sociedade. No ano de 2017, a obra foi citada pelo *The New York Times* como um dos melhores livros latino-americanos do ano (CARRIÓN, 2017) o que marca mais um passo no caminho do reconhecimento da obra e da autora no campo literário. O livro ainda conta com edições no México, publicado em 2020, pela editora Paraíso Perdido, e na Espanha pela editora *Tránsito* (2019), além de ter também a tradução para o francês (*Les bâtardes*) da tradutora Marianne Millon, pela *Quidam Editeur* (2021).

No ano seguinte da publicação de *Quiltras*, o segundo livro de Arelis Uribe foi publicado pela editora *Los libros de la mujer rota*, o “*Que explote todo*” e este formado por uma compilação de crônicas em que a escritora escreveu e publicou em alguns jornais. Com a possibilidade de construir um livro com crônicas, Uribe teve a oportunidade de reler suas produções e refletir o que havia publicado, com isso, percebeu que algumas de suas afirmações não coincidiam mais com seus ideais. Desta maneira, na primeira crônica do livro, a autora reconheceu e se retratou ao mencionar que alguns de seus posicionamentos feitos em determinada época não eram mais os mesmos.

*Las Heridas* é o livro mais recente publicado de Arelis Uribe, sendo esse publicado pela editora *Emecé* em 2021. A obra contém uma temática pessoal e não de ficção, na qual a autora decide expor um lado ainda mais autobiográfico abordando assuntos como a morte de seu pai, seu coração partido e sobre sua família. O título da obra se dá a partir de citações de escritores que compartilham a ideia de que o artista cria a partir de suas feridas.

A fim de entender mais sobre a autora e o gênero escolhido por ela para se expressar, cabe mencionar sua contribuição sobre a crônica. A autora acredita que a crônica conta com

um formato que permite flexibilidade e que, nesta, cabe de tudo, de um diálogo até um sentimento. Para Uribe, esse gênero permite que seja divulgado de forma rápida assim como o é a sua leitura. A autora ainda reforça que adora quando a crônica se vincula com sua outra área de trabalho, o jornalismo. Segundo a escritora, há um paralelo entre o feminismo e o jornalismo, para exemplificar, ela afirma que o primeiro parte de que o pessoal é político e o segundo não deveria analisar somente o poder entre empresas grandes ou no Congresso, mas também o cotidiano (URIBE, 2017).

Esse ponto de vista defendido pela autora se relaciona com discussões acerca da ideia de que a linguagem é política, e do mesmo modo, com a maneira que se reage quando algo incomoda. A grande preocupação de Arelis Uribe é desvendar isso, já que essas questões nem sempre são vistas e/ou refletidas. Desta forma, ela diz que lê, escuta e analisa bastante para que no final possa se expressar neste formato jornalístico que a crônica propõe.

Além do seu estilo de escrita, para este trabalho, é importante mencionar o posicionamento sobre feminismo da autora, para que seja possível analisar suas obras que possuem essa perspectiva também. Sendo assim, a autora Arelis Uribe reflete<sup>29</sup> acerca do(s) movimento(s) feminista(s) e contribui para sua definição:

Es un movimiento político que busca hacer transformaciones en la sociedad en aspectos económicos, sociales, culturales, políticos ampliamente y lo que busca es romper con una tradición que divide poderes términos de género (...) que crea categorías entre personas y unas tienen más poder en la sociedad que otras, donde los hombres heterosexuales adultos ostentan muchos privilegios por sobre otras identidades femeninas principalmente (...) (Uribe, 2017, p.01)

Atualmente, Arelis Uribe vive na cidade de Nova York e organiza algumas oficinas com foco na literatura. Até o momento da escrita deste trabalho, a divulgação mais recente de suas oficinas foi denominada como *el taller solito* que tem como objetivo a edição personalizada de textos narrativos. Ao analisar a vida da autora, percebeu-se que ela exorciza seus sentimentos em sua escrita e o que se conheceu de sua vida pessoal e profissional é narrado em suas crônicas, por isso, a grande maioria das informações aqui apresentadas são relacionadas ao seu trabalho e sua paixão pela escrita.

### 2.2.1 A obra: *Que explote todo*

*Que explote todo* é o segundo livro publicado por Arelis Uribe e parte essencial de estudo deste trabalho. A obra foi publicada em 2017 pela editora *Los libros de la mujer rota*, e

---

<sup>29</sup> Em vídeo para o canal de Youtube da fotógrafa Amaía Diez Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vXtUCCesaXo> Último acesso em: 31/08/2021.

é o resultado de uma seleção feita pela autora, que decidiu escolher algumas de suas crônicas publicadas em meios de comunicação chilenos. As crônicas selecionadas por Uribe foram separadas a partir das que melhor representavam as temáticas em que a escritora demonstra interesse.

Segundo a autora, as crônicas que entraram para o livro foram modificadas pois sua postura política assim como sua voz narrativa mudaram com o tempo, e ao revisitar esses textos ela já não concordava com muitas coisas que havia escrito. Em função do título da obra, ele surge após reflexões em que a autora identifica características que fazia/fazem parte de si, a modo de exemplo, suas convicções, medos e a necessidade de controlar tudo (URIBE, 2017).

FOTO – Arelis Uribe e seu livro *Que explote todo*



Foto: Francisco Flores.

Ao analisar a capa da obra, encontrou-se duas bombas que estão inseridas em um fundo vermelho, uma em destaque, na cor preta, e outra na cor branca, localizada em segundo plano. Após a leitura do livro, notou-se que essas bombas e a forma como foram construídas conversam com a temática trabalhada nas crônicas da escritora, mas também com o que é tratado na contracapa. Neste breve texto explicativo da intenção da obra, encontrou-se o trecho:

*Este libro reúne distintos textos que viajan por temáticas que cruzan la vida e ideología de muchas identidades, en especial mujeres que buscan no sólo luchar por un bien común y por una vida de respeto mutuo en un mundo liderado por lo masculino, sino que buscan de alguna u otra forma destruir desde la base todas las ideologías y los discursos imperantes, hacerlos explotar para construir el mundo y construirse ellas mismas y sus paradigmas desde cero, donde esta igualdad de género sufra un cambio radical, completo y para siempre (URIBE, 2017, p. 01).*

O fragmento pode ser uma reflexão da autora e de como o seu lado comportamental e de criação se transformaram com o tempo. Em texto produzido por Arelis Uribe para a revista chilena Brígida (URIBE *et al.*, 2018) é possível marcar um paralelo de como ela encarava o machismo (e assuntos que a incomodavam) e como percebia e reagia em outro momento da sua

vida. “*Antes veía machismo en el mundo y tiraba bombas, atacaba lo que odiaba. Ahora veo machismo en el mundo y me pregunto qué de eso tengo yo. Me reviso a mí, me pongo bombas para explotar yo primero*” (URIBE *et al.*, 2018, p. 01).

Nas crônicas mais antigas de “*Que explote todo*”, é possível identificar, apesar das mudanças feitas pela autora no processo de releitura e escolha de suas produções, um tom que demonstra indignação diante dos fatos contados, indignação essa que Uribe afirma ainda sentir. No entanto, expressa de forma diferente em suas produções após a publicação do livro em questão.

A partir disso, pode-se analisar como as crônicas da autora se relacionam com o panorama apresentado sobre este gênero textual. Segundo Beltrão (1980), as crônicas apresentam três características, sendo uma delas a sentimental, que tem como foco a emoção. Ao ler as crônicas de Arelis Uribe, nota-se que esta característica é presente em todas as suas produções, o que permite que a leitora e ou leitor desenvolva alguma emoção, seja ela positiva ou negativa. Além deste traço característico, é possível identificar o que Beltrão (1980) intitula como satírico-humorística, que é a crônica que tem aspectos com o propósito de fazer críticas e/ou ironizar situações. Dessa forma, a grande maioria das crônicas de Uribe contém denuncia, críticas e ironia acerca de situações as quais ela e outras mulheres vivenciam com isso a autora alerta e convida seus leitores a refletirem sobre as temáticas as quais são apresentadas em suas crônicas.

*Que explote todo* contém 20 crônicas no total, com temáticas relacionadas ao feminismo, machismo, linguagem inclusiva, educação, classe social e experiências pessoais da autora. Nesse livro estão as seguintes crônicas: *Que explote todo*; *Chilean Eagles College n°3 de la cisterna*; *Partir por casa*; *El apellido de una mujer siempre es el apellido de un hombre*; *Mi amigo y su entropierna sagrada*; *Defensa del lenguaje inclusivo*; *Feminista no se nace, se hace*; *Educación para ricos, educación para pobres*; *Feminismo polifónico*; *Por qué me duele el machismo de izquierda*; *La historia de Lionel*; *Cosas de las que no podemos reírnos*; *Está muy mal ese chat de hombres donde traficas machismo*; *El sexo y la clase*; *Saquen sus rosarios de nuestros ovarios (o por qué salir a marchar este 25 de noviembre)*; *No compartas esa foto (o por qué la filtración de desnudos está mal)*; *Cuando defender una causa implica menospreciar otra*; *Toda mujer tiene un recuerdo asqueroso*; *Aquí mandamos las mujeres e A mis amigas feministas*.

A grande maioria das crônicas foi escrita entre 2014 e 2016 para meios de comunicação como “*Es mi fiesta*, *The Clinic*, *Noesnalaferia*” etc. Porém, há três crônicas que foram escritas em 2017, mesmo ano de publicação do livro. A primeira crônica, “*Que explote todo*”, é a que

abre o livro e o apresenta, assim como de certa forma a autora também. Já no segundo texto datado em 2017, encontrou-se a crônica “*Toda mujer tiene un recuerdo asqueroso*” que se mostra como um dos textos mais pessoais de Arelis Uribe, pois nele retrata situações de abusos que vivenciou no decorrer dos anos. A última crônica com a data de 2017 e, também, a última do livro é “*A mis amigas feministas*” em que a autora fala sobre como é difícil ser feminista quando o mundo ainda é patriarcal, porém, no decorrer dessa, usa um tom esperançoso e destaca possibilidades positivas. Com esta crônica, Uribe encerra o livro, com uma dose de esperança, confiando que as lutas de hoje contribuem para um mundo mais justo e inclusivo.

## Capítulo III: Metodologia e Análise

### 3.1. Diários de uma tradução

A fim de apresentar este capítulo, será usado a definição dada pelas autoras Zavaglia, Renard, Janczur (2015, p. 349) que entendem a tradução comentada como aquela em que a tradutora ou tradutor apresenta estratégias e decisões tomadas. Acerca da tradução comentada, as autoras conceituam:

[...] a tradução comentada seria aquela em que o tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p. 349).

Para Marie-Hélène Torres (2017), a tradução comentada é bastante estudada e pesquisada no mundo acadêmico, “pois além de partir do exercício da tradução em si, trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário” (2017, p. 15). Portanto, a tradução comentada seria uma ferramenta de análise da tradução que possibilitaria que a tradutora ou tradutor trabalhasse com a avaliação crítica do processo tradutório. Para Torres (2017), trata-se de um gênero textual acadêmico que esclarece os processos e decisões realizadas na tradução.

No âmbito da tradução comentada há outra forma de registrar e comentar o processo tradutório: o diário de tradução. Com o objetivo de apresentá-lo, usaremos as observações de teóricas/os e/ou profissionais da tradução acerca do diário de tradução. A teórica e tradutora Hurtado Albir<sup>30</sup> (2015 *apud* COSTA, 2019) aborda sobre os *reflective diaries*<sup>31</sup>, os quais ela entende como recurso útil para a análise de competência em função do treinamento da tradutora ou do tradutor. Para a autora, os diários de reflexão, ou como abordou-se neste trabalho, diários de tradução, são anotações realizadas por estudantes com o propósito de registrar seu desenvolvimento no processo tradutório.

---

<sup>30</sup> HURTADO ALBIR, Amparo. The Acquisition of Translation Competence. Competences, Tasks, and Assessment in Translator Training. *Meta*, v. 60, n. 2, p. 256-280, 2015. doi:10.7202/1032857ar

<sup>31</sup> Diários de reflexão.



Rossi (2014) também aborda sobre o diário de tradução<sup>32</sup>, que para a autora é relacionado como instrumento para refletir sobre o processo de tradução. A professora trata ainda a tradução como uma tarefa em que é necessário que a tradutora ou o tradutor tenha muita consciência em relação ao que ele produz, ou seja, o texto traduzido. Com isso, se torna essencial que a(o) profissional ou estudante de tradução projete sua experiência de traduzir a partir do lugar de reflexão que necessita ser relacionada com a tradução desempenhada.

Entretanto, a ideia para utilizar o diário de tradução não se construiu a partir das teorias mencionadas acima, e sim de um projeto em que a tradução teve destaque. Com o intuito de compartilhar com os seguidores da página na rede social *Instagram*, o tradutor André Aires compartilhou em formato de vídeo, o que acabou recebendo nome de “diário de tradução” e nesse projeto, o tradutor em questão organizou e mostrou como estava sendo traduzir o livro *Doña Bárbara* do autor Romulo Gallegos.

Esse processo foi publicado no *Instagram* da editora *Pinard* (2020) e teve no total 8 (oito) diários de tradução, nos quais o tradutor mostra os textos de apoio que estão servindo para ajudá-lo a traduzir; versões/edições da mesma obra (no idioma original); as diferenças encontradas no original e na tradução realizada por Jorge Amado em 1948; suas decisões no processo tradutório; e o enredo da história, dificuldades ao traduzir determinados termos etc.

Além do diário de tradução realizado da obra supracitada, a editora *Pinard* investiu também em outro registro do processo tradutório, agora com a tradução dos versos da poetisa chilena e ganhadora prêmio Nobel de Literatura em 1945, Gabriela Mistral. A tradução esteve a cargo do tradutor Davis Diniz que abordou sobre o livro que serviu de base para a criação da antologia poética da editora acerca das produções de Mistral.

Há outros exemplos em que o diário de tradução é abordado, como é o caso dos trabalhos de Carboni (2018) e Costa (2019). Nestes trabalhos, as autoras apresentam seus processos tradutórios assim como suas análises a partir de registros em diários de tradução. Neles, é contado sobre como foi traduzir as obras, o que permite a quem lê esses diários, entender não somente as decisões tradutórias tomadas, mas também conhecer mais sobre as(os) profissionais de tradução, já que os diários dão visibilidade à pessoa envolvida neste ofício.

Para o auxílio do uso desses meios de registro do processo de tradução, é essencial tratar sobre as competências tradutórias, para tal, apresentaremos a definição dada pela autora

---

<sup>32</sup> No livro *A tradução na sala de aula: Ensaios de teoria e prática de tradução* de 2018 da Editora da Universidade de Brasília, que tem como organizadoras: Germana Henriques Pereira de Sousa, Alice Maria de Araújo Ferreira e Sabine Gorovitz. No capítulo 4 (quatro) deste livro *Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos da tradução* a professora Ana Helena Rossi aborda sobre os diários de tradução.

e tradutora Amparo Hurtado sobre o assunto. Hurtado Albir (2005) entende as competências tradutórias como: “conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues, não tradutores” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 19).

Com o intuito de descrever esses conhecimentos e habilidades, Hurtado Albir (2005) discorre sobre cinco subcompetências para a tradução, sendo elas: bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica. A subcompetência bilíngue é composta principalmente por conhecimentos necessários para a comunicação entre as duas línguas, os quais envolvem a compreensão pragmática, sociolinguística, textual e léxico-gramatical. A extralinguística está relacionada à conhecimentos gerais sobre contexto mundial, nas duas línguas em que a tradutora e/ou tradutor está trabalhando. Já em relação à subcompetência de conhecimentos sobre tradução, esta é constituída pelo entendimento de princípios que acompanham a tradução, a saber: unidades de tradução, métodos utilizados e tipos de problemas, assim como o que é relacionado ao ponto de vista profissional, como o tipo de demanda. A subcompetência instrumental é o conhecimento adquirido através do uso de tecnologia informática e de fontes de documentação operadas à tradução. Por fim, tem-se a subcompetência estratégica, que se refere a conhecimentos essenciais para garantir êxito do processo tradutório. Com ela, há o controle do que está sendo feito na tradução, pois ela contribui para diversos procedimentos, como os de planejar o processo da tradução, compensar diferenças, identificar problemas de tradução e propor soluções.

Após a apresentação dos pontos essenciais citados acima que auxiliam nas propostas realizadas durante a tradução, poderá trabalhar com o objetivo de analisar o processo tradutório que será realizado neste trabalho, assim como a criação de um diário de tradução, onde serão registradas ideias, questionamentos, problemas de tradução e suas possíveis soluções. Essa decisão foi tomada com o propósito de dar destaque ao processo que antecede a tradução como trabalho concluído.

No capítulo 3 deste trabalho, será apresentado o diário de tradução e nele as ferramentas, estratégias, reflexões, conflitos, resultados que possibilitaram um dos objetivos deste trabalho: a tradução feminista das crônicas selecionadas da autora Arelis Uribe.

### 3.2. Análise tradutória

O primeiro passo após a decisão de estudar a autora Arelis Uribe foi a seleção da obra e/ou texto(s) que seriam lidos, analisados e posteriormente escolhidos. Para essa etapa, realizou-se uma leitura atenta de duas das obras da autora escolhida, “*Quiltras*” e “*Que explote todo*”. As duas obras são escritas desde a perspectiva feminista e trata de assuntos essenciais e importantes de serem discutidos dentro das pautas feministas. Entretanto, após reflexão, percebeu-se que as crônicas construídas pela escritora no livro “*Que explote todo*” poderiam contribuir mais em debates relevantes tanto para os Estudos da Tradução como os Estudos da Tradução Feminista.

Com a obra escolhida, decidiu-se montar uma tabela na qual foram registrados os nomes das crônicas, os temas abordados, quantidades de páginas, data em que foi escrita e local de publicação. Para esse processo, foi usado a subcompetência estratégica proposta por Hurtado Albir (2005) porque, a partir dela, foi possível delimitar e organizar o material que iria ser traduzido, além de possibilitar uma compreensão maior das temáticas abordadas em cada uma das crônicas.

**Tabela 2**

**Lectura de “Que explote todo” de Arelis Uribe**

Nome da crônica	Tema(s) abordados	Quantidade de Páginas	Ano em que foi escrito e localização	Observações
<i>El apellido de una mujer siempre es el apellido de un hombre</i>	Reflexões sobre o sobrenome das mulheres	2	Es mi fiesta, 5 de diciembre de 2014	Gostei bastante da reflexão proposta. Acredito que seja um ponto interessante de traduzir e debater. A coluna de opinião cita o Brasil. Perspectiva de gênero.
<i>Mi amigo y su entrepiera sagrada</i>	Reflexão sobre o corpo das mulheres serem tratados como objetos.	3	Es mi fiesta, 21 de enero de 2015	Tema importante! “Me hizo entender que como tratan los cuerpos también es un privilegio” – Arelis Uribe em <i>Mi amigo y su entrepiera sagrada</i>
<i>Defensa del Lenguaje inclusivo</i>	Reflexão sobre a linguagem inclusiva e métodos para se ter um discurso mais inclusivo.	5	Noesnalaferia, 9 de abril de 2015	Essa coluna, porém com outro nome, foi finalista do prêmio de jornalismo de excelência de 2015, da Universidade Alberto Hurtado na categoria Opinión.

Fonte: Elaboração própria

Através da subcompetência anteriormente mencionada, percebeu-se quais crônicas poderiam proporcionar melhores chances de serem traduzidas a partir da perspectiva de tradução feminista. Com isso, optou-se pelos seguintes textos: *Defensa del lenguaje inclusivo*, *El apellido de una mujer siempre es el apellido de un hombre* e *Mi amigo y su entrepiera sagrada*.

Elas foram escolhidas porque além de possibilitarem caminhos para se trabalhar com a tradução feminista, propõem, do mesmo modo, debates e reflexões de assuntos de extrema importância, tais como: linguagem inclusiva, patriarcado, sexualização de corpos femininos, temáticas e problemáticas presentes no cotidiano. Todas as crônicas foram desenvolvidas com pautas feministas, o que de certa forma causou apreensão em relação a eficácia da tradução em função à proposta do trabalho, pois se iniciou o trabalho com a hipótese de que se poderia utilizar as estratégias de Olga Castro nas traduções das crônicas escolhidas. Inclusive, essa preocupação foi registrada, em caderno de anotações, que se tornou um diário de tradução físico que auxiliou na compreensão de dúvidas, no registro de perguntas, intenções, inseguranças, soluções, debates etc. Para a construção desse diário, partiu-se da contribuição feita por Rossi (2014), que trata o diário de tradução como um instrumento para refletir o processo tradutório. Logo, com o auxílio dessa forma de tradução comentada, é possível registrar o percurso reflexivo. Nele, o primeiro registro foi:

30/06/2021: Ao apresentar uma proposta de pesquisa e tradução para a orientadora, decidimos que seria mais interessante trabalhar com um texto com temática feminista. Mas como traduzir, desde um viés feminista e propor estratégias feministas de tradução, para um texto que já é feminista? É possível? Como abordar? Após a conversa com a orientadora, fiquei com essas dúvidas perturbando minha mente. Preciso respondê-las.<sup>33</sup>

Essa dúvida fomentou ainda mais o estudo sobre tradução feminista e estudos de gênero dentro da tradução. Após esse processo, percebeu-se que é possível sim, já que trabalhar com produções textuais feministas não quer dizer que estas não precisam de intervenções e/ou uso de estratégias, isso se dá, porque está se tratando de línguas e culturas diferentes. Chegou-se a essa conclusão após a contribuição de Castro Vázquez (2008) que afirma que as ideologias feministas foram difundidas graças a trabalhos de tradução, o que possibilitou a pluralidade das pautas feministas assim como o conhecimento de outras experiências femininas, em outras culturas e realidades. Logo, as histórias e questionamentos escritos por Arelis Uribe são de extrema importância, pois eles impulsionam debates e sensibilização das demandas femininas em sua vasta pluralidade.

Para trabalhar com as propostas de traduções das crônicas de Arelis Uribe e para as análises, usou-se como apoio teórico as contribuições acerca do gênero textual citado por autores como Moura (2008), Candido (2003) e Beltrão (1980). Nesse sentido de buscar a

---

<sup>33</sup> Diário de tradução I - O início da reflexão, anexo 1 p. 1

compreensão dos materiais estudados, utilizou-se novamente da subcompetência estratégica (HURTADO ALBIR, 2005), já que foi preciso separar artigos, revistas, dissertações e livros com temáticas envolvendo o gênero textual que a autora escolheu para tratar dos assuntos que ela entendia como essenciais de serem debatidos com o objetivo de adquirir conhecimentos que possibilitasse o bom desenvolvimento da tradução.

Sendo assim, identificou-se características apresentadas pelas autoras(es) sobre crônica e tipos de crônicas, na produção de Arelis Uribe, a modo de exemplo, Moura (2008) defende que o gênero textual ao qual a crônica pertence é refletido nas vivências de cada autora e ou autor que ao se ler uma produção textual como essa, conhece-se mais sobre a visão de mundo de quem a escreve. Arelis Uribe em suas crônicas aborda um lado muito pessoal de sua vida, contando suas experiências e até compartilhando sua raiva com a maneira como a sociedade e o sistema funcionam, o que nos permite conhecer mais sobre o local ao qual ela fala.

Após a análise e leitura das crônicas, foi realizada a produção de fichamentos sobre crônicas, e depois o mesmo procedimento foi desempenhado com tópicos que poderiam auxiliar no estudo que estava em desenvolvimento, tais temas como: ideologia, feminismo e estudos de tradução feministas. Esse caminho contribuiu para que o embasamento teórico fosse criado e estruturado de forma que possibilitaria uma tradução mais consciente e, também, mais criteriosa, como um despertar para o processo tradutório.

Já com as ferramentas necessárias para elaborar as traduções, ao menos do ponto de vista teórico, optou-se por realizar mais uma leitura das crônicas escolhidas, leitura essa que utilizou-se com o apoio da subcompetência de conhecimentos de tradução (HURTADO ALBIR, 2005) que tem como objetivo de encontrar tópicos, termos e/ou trechos que poderiam apresentar desafios relacionados à tradução. Com isso, encontrou-se e destacou-se alguns pontos que necessitaram de atenção maior. Dessa maneira, foi feita uma busca de materiais que poderiam auxiliar dentro da proposta e temas apresentados nas crônicas.

Para a primeira crônica escolhida, *Defensa del lenguaje inclusivo*, escolheu-se guias, manuais, cartilhas e blogs com o propósito de conhecer mais sobre a linguagem inclusiva e, também, não sexista. Depois foi organizado esses materiais em uma tabela<sup>34</sup> com a qual foi preenchida com informações sobre o título, autoria, ano de publicação, país e idioma do material. Essa foi uma estratégia para facilitar a busca por termos e ter acesso a esses documentos a qualquer momento, assim como também para se ter o registro do que foi utilizado.

---

<sup>34</sup> A tabela está apresentada no tópico 1.21 - Estudos da tradução X Tradução feminista.

Após a leitura e seleção dos materiais mencionados anteriormente, foi iniciado o processo de tradução, o qual foi iniciado com a crônica, *Defensa del lenguaje inclusivo* já que ela, dentre as outras, foi a que mais apresentou pontos que poderiam ser "problemáticos" na tradução. Para isso, o texto original foi transcrito e dividido em pequenos trechos em uma tabela com o texto fonte (texto no idioma espanhol) e texto meta (tradução), com isso, a visualização do texto foi facilitada.

Logo no início da tradução, identificou-se alguns pontos em que foi necessário refletir e pesquisar sobre o assunto, como por exemplo, o uso do “x” e “@” como símbolos para se ter uma linguagem inclusiva. No texto em espanhol, a autora usa os símbolos de forma escrita, e para a tradução, poderia-se optar por fazer o mesmo ou utilizar os símbolos e não os nomes. Ao buscar crônicas e textos de outros gêneros textuais no português, notou-se que o uso dos símbolos é recorrente<sup>35</sup>, assim como é comum vê-los em guias e manuais acerca da linguagem inclusiva. Tendo como base esses textos, decidiu-se usar na primeira versão os símbolos “x” e “@”, como pode ser observado abaixo.

Texto original Uribe (2017)	1ª Versão Pereira (2021)	Versão final Pereira (2021)
Yo también encuentro horribles las <b>arrobas</b> y las <b>equis</b> en una palabra para volverla neutral. También me agota decir todos y todas, amigos y amigas, <b>niños y niñas</b> .	Eu também acho horríveis as @ e os “x” em uma palavra como uma alternativa para torná-la neutra. Também fico exausta em dizer a todos e todas, amigos e amigas, <b>meninos e meninas</b> .	Eu também acho horrível ver <b>arroba e xis</b> em uma palavra com a intenção de transformá-la em neutra. Dizer todos e todas, amigos e amigas, <b>prezados e prezadas</b> me cansa.

Apesar do uso dos símbolos na primeira versão, pensou ser necessário explicar, por meio de comentário de tradução no rodapé, que o uso desses se mostra como uma alternativa para não demarcar um gênero específico. Porém, há dois pontos que precisam ser observados. O primeiro se refere ao fato de que essa alternativa só funciona na escrita, já que oralmente não é possível pronunciar os símbolos. Já o segundo ponto é relacionado à dificuldade de pessoas

<sup>35</sup> <https://hellocloe.com/pt/artigos/cultura/desafiar-a-gramatica-e-as-nocoas-de-genero>  
<https://www.politize.com.br/linguagem-inclusiva-e-linguagem-neutra-entenda/>  
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41827/29008>  
<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>  
<https://blogueirasfeministas.com/2013/08/16/linguagem-inclusiva-de-genero-em-trabalho-academico/>

com deficiências visuais que precisam de programas de leitura de texto, e estes não reconhecem esses símbolos, ao menos não a intenção pela qual eles estão ali. Por isso, optou-se por utilizar uma das estratégias de tradução defendida por Olga Castro (2008), a metatextualidade que consiste em adicionar notas de rodapé e/ou prefácios, com a finalidade de acrescentar essa informação, para que o uso dos símbolos citados, antes de serem usados, sejam refletidos. Após essas reflexões, apesar da frequência em que são usados, decidiu-se não usar os símbolos, mas escrever seus nomes. Essa foi uma tentativa de aplicar a tradução feminista, que tem como intenção também, ser inclusiva.

Outro ponto a ser comentado sobre a proposta de tradução dessa crônica é a inclusão de “prezados e prezadas”. Na primeira versão, para a tradução de *niños y niñas*, optou-se por usar meninos e meninas. No entanto, entendeu-se que nesse sentido normalmente é usado “meninos” ou “crianças” no português. Sendo assim, para a versão final, foi utilizada a estratégia de tradução feminista intitulada sequestro citada por Olga Castro (2008), com o intuito de transmitir a ideia que Arelis Uribe queria demonstrar em sua crônica, que era o cansaço em usar palavras femininas e masculinas para abranger a *todes*. Com isso, optou-se por intervir no texto e usar outras palavras que poderiam ser usadas no contexto sugerido pela autora, o que nos fez pensar e escolher utilizar “prezados e prezadas”, que acrescenta na ideia de construção longa e que pode causar cansaço ao ser lido ou dito.

Neste trecho da crônica, Arelis Uribe realiza uma reflexão acerca das representações narrativas serem sempre masculinas. Para provar seu argumento, ela menciona diversas figuras masculinas presentes em contextos diferentes, seja na história da humanidade ou em jogos da atualidade. Entende-se sua intenção e necessidade em tratar do assunto, entretanto, acredita-se que é essencial ir além da reivindicação que a autora faz.

<b>Texto original Uribe (2017)</b>	<b>1ª Versão Pereira (2021)</b>	<b>Versão final Pereira (2021)</b>
Las mujeres somos la mitad de la población, la mitad más uno. Y sin embargo el mundo es androcentrista y la mayoría de la narrativa y la mitología universal la protagonizan hombres. Cualquier mascota de marca es varón porque eso es lo neutral, desde Hellmins hasta Teletín. También los	Nós mulheres, somos mais do que metade da população. No entanto, o mundo é androcêntrico e a maioria da narrativa e a mitologia universal sempre é protagonizada por homens. Qualquer mascote de marca é macho, porque isso é o neutro, desde	Nós mulheres, somos mais da metade da humanidade, e ainda assim, o mundo é androcêntrico e grande parte da história e da mitologia universal é protagonizada por homens. Qualquer personagem publicitário de uma marca é masculino porque isso é o neutro, desde

<p>protagonistas de los videojuegos, desde Pacman a Link. Los próceres, desde Lautaro a O'Higgins y tan antagónicos como el Che y Pinochet. Y en la música, en la tele, en los libros, en el cine. Qué pena me dio notar que Volver al futuro, mi película favorita cuando chica, estaba protagonizada por dos hombres. A tal punto que en la I y la II la polola de Marty cambia de actriz y da exactamente lo mismo. ¿Así de irrelevante somos? ¿Y en <i>Star Wars</i>* es Leia la única mujer en la Galaxia? Y hasta Jesús, Buda y Mahoma.</p>	<p>Hellmins até Teletín. Também os protagonistas dos videogames, desde Pacman a Link. Os heróis desde Lautaro a O'Higgins e tão antagônicos como o Che e Pinochet. Na música, na televisão, nos livros, no cinema. Que tristeza senti quando notei que <i>De volta para o futuro</i>, meu filme preferido quando eu era criança, estava protagonizado por dois homens. De tal maneira que no I e no II a namorada de Marty muda de atriz e dá na mesma. Somos assim tão irrelevantes? E em <i>Star Wars</i>, Leia é a única mulher da galáxia? E até Jesus, Buda e Maomé.</p>	<p>o Bocão da Royal até o Tonzinho do Teleton. Assim como os protagonistas dos videogames, desde Pacman até Link. Os próceres, desde Lautaro a O'HigginS assim como os tão antagônicos Che e Pinochet. E isso acontece da mesma forma na música, na televisão, nos livros, no cinema etc. Me decepcionei tanto quando percebi que <i>De volta para o futuro</i>, meu filme preferido quando criança, estava protagonizado por dois homens. De tal forma que no I e no II filme, a namorada de Marty muda de atriz e ninguém se importa. Somos tão irrelevantes assim? E em <i>Star Wars</i>*? A Leia é a única mulher da galáxia? E até Jesus, Buda e Maomé.</p> <p><b>Ninguém fala da autora chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de literatura, da jogadora brasileira Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, da escritora Conceição Evaristo ou da Violeta Parra.</b></p>
---	---	--

Com isso, acredita-se ser necessário intervir no texto por meio da estratégia de tradução feminista sequestro mencionada por Olga Castro (2008), que permite a apropriação do texto, além do uso dessa estratégia. Considera-se que, ao mencionar tantos homens, a autora reforça o destaque que eles já possuem. Logo, para a tradução feminista, decidiu-se dar visibilidade a mulheres com a intenção de reivindicar o espaço feminino. Desta forma, escolheu-se uma figura feminina importante para o Chile e outra para o Brasil, o que levou a considerar e usar na



tradução Gabriela Mistral<sup>36</sup>, Marta da Silva<sup>37</sup>, Conceição Evaristo<sup>38</sup> e Violeta Parra<sup>39</sup>. As quatro mulheres foram e são necessárias nas áreas em que se destacam e é importante dar visibilidade a elas e propor o debate sobre a falta de destaque em função de seu trabalho, inspiração e relevância para o país. Optou-se também por acrescentar comentários no rodapé com o intuito de apresentar brevemente Gabriela Mistral, Marta da Silva, Conceição Evaristo e Violeta Parra, isso foi possível ao usar a estratégia de metatextualidade (CASTRO VÁZQUEZ, 2008). A partir dessa reflexão e processo tradutório, apresenta-se um trecho do que foi registrado no diário de tradução:

06/09/2021 – Entendo a necessidade de constatar o fato de homens acabaram/acabam recebendo destaque enquanto diversas mulheres sequer são citadas na história da humanidade, ao menos não tanto quanto deveriam. Mas, ao mencionar tantos homens, sem dar destaque algum às mulheres, a autora não estaria reforçando esse sistema? Dar visibilidade a homens e mulheres ficarem em segundo plano? (...) 22/09/2021 - Em uma das conversas semanais com a orientadora pensamos em como iríamos intervir nesse trecho que nos incomodava. Essa reflexão nos fez pensar em mulheres que deveriam receber mais destaque já que fizeram e conquistaram coisas incríveis, mas ainda assim, são colocadas nesse lugar de segundo plano. Após muita reflexão optamos por intervir no texto ao acrescentar Gabriela Mistral e Marta, como forma de homenagem assim como também proposta para debates o fato de que apesar do lugar delas, de importância para os seus países ainda não tão mencionadas. <sup>40</sup>

<sup>36</sup> Gabriela Mistral foi uma das poetisas mais importantes da literatura chilena e hispano-americana. Em 1945 ganhou o primeiro Prêmio Nobel de Literatura para uma/um autora/autor da América Latina. <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3429.html>

<https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-quem-foi-o-primeiro-latino-americano-a-ganhar-o-nobel-de-literatura/>

<sup>37</sup> Futebolista brasileira, Marta Vieira da Silva, mais conhecida por seu primeiro nome, foi eleita a melhor jogadora do mundo pela Fifa seis vezes. Além disso, conquistou medalha de prata por sua participação nos Jogos Olímpicos nos anos de 2004 e 2008. <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/atletas/marta-vieira-da-silva/>  
<https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/02/no-aniversario-de-marta-silva-revelamos-35-curiosidades-sobre-estrela-do-futebol.html>

<sup>38</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito é escritora brasileira negra consagrada no Brasil, mas também em vários outros países. Conceição Evaristo, como é conhecida, é autora de diversos contos, romances, ensaios e poesias. Suas obras são referências dentro da literatura brasileira assim como sua voz e vivências. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>  
<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos> <https://www.youtube.com/watch?v=O2bxQJH-Plk>

<sup>39</sup> Violeta Parra foi uma cantora, compositora e artista plástica chilena que se tornou uma figura representativa para seu país. A cantora se dedicou em dar visibilidade para a cultura popular do Chile. Com seu talento também abrangendo a arte plástica, Violeta Parra foi a primeira artista latino-americana que teve exposição individual no renomado Museu do Louvre. <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/04/violeta-parra-mulher-arvore-florida-que-falta-fazes>  
[https://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/parra\\_violeta.htm](https://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/parra_violeta.htm)  
[https://elpais.com/cultura/2017/10/04/actualidad/1507130847\\_797931.html](https://elpais.com/cultura/2017/10/04/actualidad/1507130847_797931.html)

<sup>40</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 2.

Sendo assim, entende-se e valoriza-se a importância do uso de estratégias feministas e as intervenções que estas propõem, pois com elas é possível levantar debates e talvez soluções para problemas de gênero apresentados em textos e em cultura. Entretanto, para que isso aconteça é necessário ir além de identificar um problema, mas sim sugerir e ou dar espaço para discussões acerca da temática.

Ainda acerca desta crônica, a autora além de refletir sobre o uso de símbolos como alternativa para se ter uma linguagem inclusiva, propõe o uso de palavras que não destacam um gênero em especial, mas que realmente sejam neutras, permitindo assim uma referência abrangente. Para exemplificar essa situação, apresenta-se o seguinte trecho:

<b>Texto original Uribe (2017)</b>	<b>1ª Versão Pereira (2021)</b>	<b>Versão final Pereira (2021)</b>
<p>Una vez leía una entrevista de la escritora Yadira Calvo y decía: "Lenguaje inclusivo no es usar, ellos y ellas, muchachas y muchachos y poner arrobas", entonces invitaba a buscar otras formas. "Podemos usar abstractos cuando se presta, en vez de <b>niños</b> decir <b>niñez</b>". Yo prefiero esa escuela.</p>	<p>Uma certa vez, li uma entrevista da escritora Yadira Calvo que dizia: A linguagem inclusiva não é usar, eles e elas, moças e rapazes e colocar @” então, ela incentivava a procura por outras alternativas. “Podemos usar abstratos quando possível, no lugar de meninos dizer <b>infância</b>” Eu prefiro essa escola.</p>	<p>Uma vez li uma entrevista da escritora Yadira Calvo que dizia: “A linguagem inclusiva não é usar eles e elas, moças e rapazes e colocar arroba” na verdade, ela incentivava a busca por outras alternativas. “Quando possível, podemos usar palavras abstratas e ao invés de dizer <b>meninos</b>, dizer <b>crianças</b>” Eu prefiro essa escola.</p>

Tanto no espanhol quanto no português, tem-se palavras masculinas que são usadas genericamente para incluir o feminino. No espanhol, a palavra *niños* pode ser usada para se referir a meninos e meninas. No português, o termo “meninos” também é utilizado como forma genérica com o intuito de abranger a todas as pessoas, apesar da existência de outra palavra que realmente é inclusiva. Durante o processo tradutório, na primeira tradução, foi considerado traduzir *niñez* por “infância” que também é uma possibilidade inclusiva. Entretanto, no português, há a palavra “criança” que expressa inclusão e se encaixa perfeitamente na tradução. Esse trecho também gerou a seguinte anotação no diário de tradução (físico):

24/08/2021: Nesta parte eu poderia traduzir "niñez" por "infância" mas será que é a melhor opção? Não há outro termo que possa ser usado e, também, seja inclusivo?

31/08/2021: Como não pensei em criança? No português, diferentemente do espanhol, temos uma palavra que realmente inclui tanto meninas quanto meninos. E é uma palavra masculina que é usada como genérico. Realmente é uma boa palavra.<sup>41</sup>

Essas anotações foram de suma importância, pois foi através delas que o processo tradutório pode ser refletido e melhorado, o que auxiliou durante a tradução. Com isso, percebe-se na prática o que Rossi (2014) expôs em seu trabalho, o diário de tradução se torna essa ferramenta que faz com que o tradutor ou tradutora tenha consciência de suas decisões, mas também de todos os processos envolvendo a tradução.

O último trecho a ser debatido neste diário sobre a crônica *Defensa del lenguaje inclusivo*, provavelmente, tenha sido um dos mais difíceis de se traduzir. O sexismo, além de estar presente na sociedade, também pode ser encontrado na escrita, por meio de ideias e expressões que reforçam preconceitos e formas de opressão. No seguinte fragmento, é abordado como palavras femininas e ou referências às mulheres são usadas com sentido negativo e para humilhar alguém.

Texto original Uribe (2017)	1ª Versão Pereira (2021)	Versão final Pereira (2021)
Sería bello que las palabras femeninas y masculinas, en su diferencia, tuvieran la misma densidad y pudiéramos usarlas indeterminadamente. Que decirle " <b>madre</b> " o " <b>monja</b> " a un futbolero no tuviera esa carga tan negativa. Que el "erís n niñita" no pasara por ofensa.	Seria incrível que as palavras femininas e masculinas, em sua diferença, tivessem a mesma densidade e pudéssemos usá-las indeterminadamente. Que dizer a alguém " <b>mulherzinha</b> " ou " <b>como uma garota</b> " não tivesse uma carga tão negativa. Que quando fosse dito "você é uma menininha" não se tratasse de ofensa.	Seria belíssimo se as palavras tanto masculinas quanto femininas pudessem, em suas diferenças, ter a mesma densidade e serem usadas de maneira indeterminada. Que ao dizer para alguém " <b>mulherzinha</b> " ou " <b>como uma garota</b> " isso não se tratasse de algo negativo. Que quando fosse dito "você é só uma menininha" não se tratasse de ofensa.

<sup>41</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 2.

Neste trecho, Arelis Uribe (2017), retrata um pouco de como palavras femininas como *madre* e *monja* são usadas, no Chile, para ofender a um jogador. Aqui no Brasil, é possível notar que esse preconceito acontece também dentro e fora dos campos de futebol, porém, normalmente associados à masculinidade (aparentemente muito frágil), e a termos e/ou expressões homofóbicas. Na tradução havia algumas opções, porém, todas elas iriam precisar de algum tipo de intervenção. Para esse trecho, também foi necessário recorrer às anotações que foram realizadas enquanto a leitura das crônicas estava em andamento. Entretanto, algumas delas não deram uma solução específica, mas possibilitaram debates e a busca por ajuda de colegas de tradução também.

25/07/2021: A autora apresenta exemplos de palavras femininas usadas para qualificar um jogador como ruim. Quais termos são usados aqui no Brasil para dizer que um jogador é ruim? [...] Nenhum termo que seja feminino e que seja usado no futebol me vem à cabeça, eu realmente não consigo pensar em nada! As pesquisas não estão me ajudando, preciso perguntar para meu irmão e amigos/as que gostam do esporte para ver se eles me ajudam”. [...] 02/09/2021: Após conversa com colegas, fiquei um pouco tranquila já que descobri que a dificuldade em achar uma solução não era exclusiva minha, o que me fez sentir menos insegura. Nessa conversa, refletimos sobre como os termos usados no futebol brasileiro, seja por torcedores e atletas, é voltado ao preconceito com a comunidade LGBTQIA +.<sup>42</sup>

Com isso, as opções para retratar algo próximo do que a autora quis expressar se limitavam a mudar o jogador de futebol por outra profissão e, assim, encontrar termos femininos que são usados de maneira negativa ou retirar a opção do profissional e utilizar palavras femininas que são usadas em contextos sexistas. Em primeiro momento, tentamos, com o auxílio de colegas de tradução, encontrar uma profissão a qual era desqualificada a partir de palavras do gênero feminino. Infelizmente, a partir de todas as opções debatidas, como cabeleireiro e dançarino, identificou-se relações a termos homofóbicos. Posteriormente, ao não encontrar um termo em referência à mulher usado de forma negativa para insultar algum jogador. Com isso, optou-se por aplicar a estratégia de tradução feminista conhecida como compensação (também usada como suplementação) abordada por Castro Vázquez (2008) e intervir no texto já que ao traduzir o fragmento acima há uma diferença cultural. Por isso,

---

<sup>42</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 1.

decidiu-se por retirar a profissão e, para ainda se referir a termos femininos usados com a intenção de menosprezar, escolheu-se a palavra “mulherzinha” e a expressão “como uma garota” que infelizmente são escolhidas para diminuir uma pessoa.

Na segunda crônica estudada para este trabalho, *El apellido de una mujer siempre es el apellido de un hombre*, Arelis Uribe convida não somente para pensar sobre a história de sobrenomes como também para entender suas preocupações, o que possibilita conhecer mais da autora.

Texto original Uribe (2017)	1ª Versão Pereira (2021)	Versão final Pereira (2021)
<p>Después pensé que sería una buena reivindicación poner el apellido de las mujeres primero, como en Brasil. Ahí noté que el primer apellido de mi mamá es el apellido de mi abuelo y que segundo apellido, el de mi abuela, es de mi bisabuelo.</p>	<p>Depois pensei que seria uma boa reivindicação colocar o sobrenome das mulheres em primeiro lugar, como no Brasil. E nesse momento, percebi que o primeiro sobrenome da minha mãe é o sobrenome do meu avô e que o segundo sobrenome, o da minha avó é o do meu bisavô.</p>	<p>Depois pensei que seria uma boa reivindicação colocar o sobrenome das mulheres primeiro, como acontece no Brasil. E nesse momento, percebi que o primeiro sobrenome da minha mãe é o sobrenome do meu avô e que o segundo sobrenome, o da minha avó, é o do meu bisavô.</p>

A autora cita o Brasil como exemplo de reivindicação do uso dos sobrenomes. No entanto, pode ser que a autora não tivesse conhecimento, à época em que escreveu a crônica, que no Brasil o primeiro sobrenome costuma não ser o principal, mas sim o último, que é (quase) sempre o de um homem: seja o sobrenome do pai ou o do marido. Ao apresentar um trabalho, por exemplo, uma autora geralmente será apresentada pelo seu último sobrenome, a diferença do que acontece na maioria dos países hispanos, onde o primeiro sobrenome é o mais importante. E, devido à obrigatoriedade do uso de dois sobrenomes (do pai e da mãe), é garantida a presença de um sobrenome materno, o que nem sempre acontece no Brasil. Tendo dito isso, a solução foi intervir através da estratégia da metatextualidade (CASTRO VÁZQUEZ, 2008) e acrescentar o seguinte comentário de tradução alertando sobre esse fato:

11/09/2021 [...] No Brasil, o primeiro sobrenome das mulheres não é visto como importante, afinal, o último sobrenome é o que é solicitado e apresentado. Além disso, há mulheres que ao se casarem, optam por acrescentar o sobrenome do marido, fazendo com que este seja o novo sobrenome dela e pelo qual ela é chamada, por exemplo.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 3.

Durante o desenvolvimento deste trabalho e leitura do que viria a ser o embasamento teórico, teve-se a oportunidade de conhecer mais sobre pautas feministas, da pluralidade das demandas de diversas pessoas e como muitas vezes faz-se referência a algo ou alguém com um termo (às vezes por falta de conhecimento e/ou por costume) que não é apropriado, e é sobre isso o próximo fragmento desta crônica. Para contribuir nesta reflexão, tem-se o seguinte aporte da autora Djamila Ribeiro:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar o lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos (RIBEIRO, 2018, p.47)

<b>Texto original Uribe (2017)</b>	<b>1ª Versão Pereira (2021)</b>	<b>Versão final Pereira (2021)</b>
Nunca había pensado que también podían analizarse con perspectiva de género. Ahora sé que a las mujeres y los <b>esclavos</b> les cambian el apellido por el de un hombre que es su dueño.	Nunca tinha pensado que também poderia ser analisado com perspectiva de gênero. Agora sei que as <b>mulheres e escravos</b> tiveram seus sobrenomes mudados por um de um homem que é seu dono.	Nunca pensei que isso também poderia ser analisado a partir da perspectiva de gênero. Agora sei que as <b>mulheres e as pessoas escravizadas</b> têm seus sobrenomes trocados pelos de um homem que é seu dono.

Logo, quando utilizou a palavra “escravo”, tem que refletir sobre a possibilidade de estar tirando o significado que esta representa, da crueldade vivida por um povo, então há necessidade de entender como se expressar da melhor forma. As autoras Silva e Oliveira Harden (2020)<sup>44</sup> tratam precisamente sobre essa questão, como explica o trecho abaixo:

A pessoa escravizada convivia diariamente com uma profunda violência física e psicológica. A palavra escravizada denuncia esse processo de perda de dignidade e chama atenção para alguém que não vivia conformado com essa condição e com o poder que a palavra escrava carrega semanticamente (SILVA; OLIVEIRA HARDEN, 2020, p. 200)

<sup>44</sup> A contribuição é feita por Luciene Silva, mestra em Estudos de Tradução e por Alessandra Oliveira Harden, doutora Estudos Hispânicos e Lusófonos no capítulo 8 do livro eletrônico intitulado como: Perspectivas dos estudos de tradução e interpretação.

Dessa maneira, através da contribuição supracitada e leituras sobre o tema, decidi utilizar na tradução a estratégia de tradução mencionada por Olga Castro (2008) chamada de sequestro. Com isso, foram incluídas as palavras “pessoas escravizadas<sup>45</sup>” que destacam a condição em que viveram, já que não foi uma escolha, como quando se escolhe uma profissão, foi uma imposição violenta e cruel.

A última crônica analisada foi “*Mi amigo y su entrepierna sagrada*”, na qual a autora narra uma situação que envolve seus amigos e suas reflexões a partir dessa história.

<b>Texto original Uribe (2017)</b>	<b>1ª Versão Pereira (2021)</b>	<b>Versão final Pereira (2021)</b>
Mi amigo y su <b>entrepier</b> na sagrada	Meu amigo e sua <b>virilha</b> sagrada	Meu amigo e sua <b>terceira perna sagrada</b>

Um ponto dessa crônica em que foi necessário pensar bastante foi o próprio título, em que a autora usa *entrepier*na e, ao pesquisar tal termo, encontrou-se muitas entradas voltadas para “virilha” e, apesar de achar uma alternativa estranha, no primeiro momento, optou-se que ela ficasse. Para apontar as dúvidas em relação ao termo, registrou-se as seguintes anotações no diário de tradução:

25/09/2021: Entrepier

na.... Eu pesquiso e encontro como: parte interior das coxas e/ou órgão genitais de uma pessoa. Logo, a virilha nem funcionaria, preciso encontrar um termo que se encaixe melhor. [...] 26/09/2021: Partindo da ideia de que “entrepier

na”, na crônica, é relacionada ao órgão sexual masculino, tenho opções como: membro, pau, pênis. [...] 30/09/2021: Após conversas com colegas e amigos, me foi sugerido: membro, terceira perna, ferramenta, espada, mastro, tripé, instrumento, tromba, taco, genitália, vara. E desconsidere palavras explícitas [...].<sup>46</sup>

A partir dessas reflexões e do uso da subcompetência extralinguística proposta por Hurtado Albir (2005), que consiste no conhecimento sobre o mundo no geral, escolheu-se para a tradução de *entrepier*na sagrada, na primeira versão, usar virilha. Mas, após pesquisas, entendeu-se que este termo não se encaixaria neste contexto.

<sup>45</sup> <https://sul21.com.br/opiniao/2020/03/escravo-nao-escravizado-por-mauricio-da-silva-dorneles-e-nilton-mullet-pereira/>  
<https://super.abril.com.br/especiais/a-era-da-escravidao/>

<sup>46</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 3.

06/10/2021 - Após reunião semanal com a orientadora, ela disse que gostava de “membro” e “terceira perna” como opções para *entrepierna*, porém, após pesquisar termos que eram usados em livros em relação ao órgão genital masculino encontrei muitas entradas para “membro” o que me fez considerar o uso desta palavra. Entretanto, terceira perna parece mais adequado ao que Arelis Uribe expressa em sua crônica, além de ser um termo mais querido pelas pessoas que contribuíram para a discussão dessa tradução.<sup>47</sup>

Com a intenção de usar uma palavra que não é explícita, porém, dentro do contexto, é compreendida como órgão sexual masculino, decidimos usar “terceira perna” para expressar a ironia que a autora utiliza para abordar temáticas como as que são apresentadas na crônica *Mi amigo y su entrepierna sagrada*.

Na crônica em questão, apresentados a um tipo de cafeteria no Chile, conhecida como *café con piernas*, onde a clientela é servida, geralmente, por atendentes femininas vestidas com roupas curtas e decotadas.

<p><b>Texto original Uribe (2017)</b></p>	<p><b>1ª Versão Pereira (2021)</b></p>	<p><b>Versão final Pereira (2021)</b></p>
<p>Estábamos carreteando en la casa de una amiga y no sé cómo salió el tema de los <b>café con piernas</b>. Yo he ido a algunos del centro, como el <b>Haití</b>, no para mirar potos, sino para tomar café.</p>	<p>Estávamos festejando na casa de uma amiga e não sei como surgiu o tema dos <b>café com pernas</b>. Eu fui em alguns no centro, como o <b>Haití</b>, não para olhar bundas, mas para tomar café.</p>	<p>A gente estava festejando na casa de uma amiga e não sei como surgiu o assunto dos <b>café con piernas</b>. Fui em alguns no centro, como o <b>Haití</b>, mas não para olhar bundas e sim para tomar café.</p>

Para o processo tradutório do *café con piernas*, optou-se por deixar em espanhol e, com isso, precisou marcar em itálico o termo citado, por conta dessa estrangeirização. Além disso, entendeu-se como é necessário utilizar a estratégia metatextualidade, citada por Olga Castro (2008) para acrescentar, por meio de comentário de tradução, no rodapé, a informação sobre o funcionamento desse estabelecimento.

<sup>47</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 3



A estratégia de utilizar comentários de tradução também foi utilizada quando foi citado o *café con piernas* Haiti. Talvez não fosse necessário, porém, com a finalidade da leitora e/ou leitor saber mais sobre o assunto, incluiu-se uma nota de rodapé especificando que se trata de uma rede famosa de cafeterias com a mesma proposta do *café con piernas*.

Para essa crônica em especial, para auxiliar na tradução, foi necessário a busca de dicionários e/ou glossários disponibilizados na internet, como *blogs* que pudessem exemplificar os termos utilizados principalmente no Chile. A modo de exemplo, foi citado alguns desses termos, a saber: potos, hueón, guaguas, carrete e que foram traduzidas respectivamente como bundas, idiota, filhos e festa. Hurtado Albir (2005) entende esses recursos como subcompetência instrumental, no qual há essa busca por conhecimento através de materiais com fontes de documentação e ou acesso às tecnologias informáticas que podem ser aplicadas à tradução.

Cabe aqui ressaltar o último comentário de tradução que foi realizado para esta crônica e que aborda justamente o ponto acima mencionado:

30/09/2021 -Gosto de como essa crônica exige pesquisa. Encontrar explicações sobre os regionalismos não foi tão difícil quanto imaginei que seria, o que me deu uma alegria no coração já que o tempo para tradução está acabando. Precisei procurar em glossários disponibilizados via web termos como *poto* e *hueón* que decidi por traduzir como *bunda* e *idiota* respectivamente.<sup>48</sup>

As propostas de traduções aqui apresentadas foram o resultado de conversas entre colegas, *amigues* e professoras que auxiliaram neste processo tradutório de três das crônicas da obra “*Que explote todo*” da autora Arelis Uribe. Logo, a construção, principalmente desse diário de tradução de número dois, é coletiva, bem como a da tradutora que teve a oportunidade de aprender tanto com as reflexões das crônicas quanto com o processo de tradução.

Com esse diário de tradução, teve-se como objetivo registrar e demonstrar um pouco do trabalho realizado para que as traduções das crônicas escolhidas pudessem ser traduzidas ao português. Os pontos aqui destacados foram somente alguns, porém, os mais interessantes de expor, já que a finalidade é que estas propostas possam ser refletidas e quem sabe até modificadas após novas sugestões.

O diário de tradução faz enxergar a sua importância durante um processo tradutório, pois ele permite que a tradutora ou o tradutor sejam mais conscientes durante suas decisões, além de fazer com que ela(e) construa segurança em seu trabalho assim como no caminho e nas

---

<sup>48</sup> Diário de tradução II - Um caminho para traduzir, anexo 1 p. 4.

estratégias escolhidas para levar adiante a tradução. As propostas feitas durante o processo tradutório e que se firmaram como efetivas, levaram ao fim deste processo, porém, não da caminhada, já que se acredita que a tradução assim como a língua, muda de acordo com o passar dos anos e da concepção de mundo. Logo, a tradução feita hoje pode ser melhorada daqui a alguns anos.

## Considerações Finais

Como resultado das reflexões realizadas no decorrer deste trabalho, constatou-se a importância da tradução feminista, tanto no âmbito tradutório quanto para os estudos de gênero e movimentos feministas. Por meio das definições e contribuições acerca dos feminismos realizadas por mulheres engajadas na luta contra diversas opressões, Joanna Burigo, Chimamanda Adichie, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Nísia Floresta e tantas outras, demonstrou-se a importância de debates sobre as pluralidades dentro das pautas e movimentos em prol dos feminismos.

A fim de apresentar uma tradução coerente e criteriosa, apresentou-se contribuições teóricas sobre o gênero textual específico o qual os materiais de estudos estavam inseridos, a modo de exemplo, sobre ideologia, temáticas relacionadas aos estudos de gênero e de tradução. Portanto, foi citada autoras como Olga Castro, Amparo Hurtado Albir e Marilena Chauí.

O processo tradutório, principal objetivo deste trabalho, possibilitou a reflexão sobre as temáticas abordadas nas crônicas de Arelis Uribe, bem como as estratégias tradutórias que utilizadas nas propostas de tradução. Com essas propostas, por meio de tradução comentada e reflexões registradas em diários de tradução, percebeu-se e defendeu-se a importância deles na tradução, pois contribuem não somente para o processo tradutório em si, como também para o desenvolvimento da tradutora ou tradutor, que tem a oportunidade de expressar questionamentos. Dessa forma, também se destaca e valoriza a quem traduz, pois recursos como os supracitados permitem que a(o) profissional de tradução seja visível e não somente o seu trabalho final.

Diante do exposto, percebeu-se que, para além da valorização dentro do âmbito literário, tradutológico e social, a tradução feminista e pluralidade presente nos feminismos, contribuem mutuamente para a melhoria de perspectivas femininas. Assim, acredita-se que os feminismos e a tradução, assim como as temáticas que as relacionam, devam ser objeto de estudos para o aprimoramento de ambas às áreas.

## Referências:

ABRIL, Ruth. ¿Qué significa realmente ser feminista?. *In*: UNIVERSIDAD CEU CARDENAL HERRERA (Espanha). Universidad CEU Cardenal Herrera. [S. l.], 5 nov. 2020. Disponível em: <https://blog.uchceu.es/ciencias-politicas/que-significa-ser-feminista/>. Acesso em: 1 set. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução: Christina Baum. [S. l.]: Companhia das Letras, 2014, p. 37.

AMARAL, Heloísa. Questão de gênero: O gênero textual crônica. **Revista Na Ponta do Lápis**, [s. l.], ed. 10, p. 14-15, Dezembro 2008. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/979/NPL10.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BALDI, Luiz Agostinho de Paula. **Ideologia e serviço social: prólogo para um debate teórico-metodológico**. Orientador: Profª. Dra. Maria Lúcia Duriguetto. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestre em Serviço Social) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

BARBOSA, Tayana Andreza de Sousa. CRÔNICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 316-331, janeiro-abril 2017.

BELTRÃO, Luiz. **A crônica: classificação**. *In*: **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre - RS: Sulina, 1980. cap. 04, p. 68.

BLUME, Rosvitha Friesen. Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero. **Fragmentos**, Florianópolis, ed. 39, p. 121-130, 2010.

BURIGO, Joanna. História dos Feminismos. *In*: MENINAS NA CIÊNCIA (Brasil) et al, (org.). **"Feminismos - algumas verdades inconvenientes"**. YouTube: NAPEAD - produção multimídia para a Educação, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7aqaumfv7xM>. Acesso em: 29 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. **“A vida ao rés-do-chão”**. *In*: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. pp. 89-99.

CARBONI, Laura Falkowski. **Cem poemas por cem poetas: questões de autoria feminina e tradução de poesia**. Orientador: Prof. Dr. Andrei dos Santos Cunha. 2018. Monografia (Bacharel em Letras — Tradutor Português e Japonês) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CARRIÓN, Jorge. Los libros de ficción de 2017: una selección iberoamericana. **The New York Times**, [s. l.], 17 dez. 2017. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/es/2017/12/17/espanol/cultura/los-libros-de-ficcion-de-2017-una-seleccion-iberoamericana.html>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CASTRO VÁZQUEZ, Olga (Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola?. **MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación**, n. 1, p. 59-86, 11.,2009.

CASTRO VÁZQUEZ, Olga (2008), “**Género y traducción: elementos discursivos para una reescritura feminista**”, *Lectora*, 14:285-301. ISSN: 1136-5781 D.L. 395-1995.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** 2. ed. [S. l.]: Editora brasiliense, 2001. 118 p.

COSSARI, Paulo Henrique. O cotidiano representado na crônica jornalística. **Anais do 6º Encontro Celsul** - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, [s. l.], 2004?.

COSTA, Camilla. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC NEWS | BRASIL**, Brasil, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 5 set. 2021.

COSTA, Clara Araujo. **A vida de Josiah Henson: uma tradução comentada**. Orientador: Profa. Dra. Márcia Moura da Silva. 2019. Monografia (Bacharela em Letras — Português e Inglês.) - A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

COSTA, P.; AMORIM, L. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 1227–1247, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i3.2331. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331>. Acesso em: 14 set. 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HURTADO ALBIR, Amparo. **A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia Maria; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 19-57, 2005.

MESA, Rafael Yanes. **La crónica, un género del periodismo literario equidistante entre la información y la interpretación**. *Revista de estudios literarios*, [s. l.], 2006?.

MONTEIRO, Rosa. Feminismos. In: CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS – LABORATÓRIO ASSOCIADO UNIVERSIDADE DE COIMBRA (Portugal). **Dicionário das crises e das alternativas**. [S. l.: s. n.], 2012. p. 101-102. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/90819/3/Dicionario%20das%20crises%20e%20das%20alternativas.pdf>. Acesso em: 3 set. 2021.

MOURA, Eloisa Silva. **Estudo da crônica**. *Revista Científica Plural*, [s. l.], ed. 002, Julho 2008. Disponível em: [http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/edicoes\\_anteriores.htm](http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/edicoes_anteriores.htm). Acesso em: 21 jul. 2021.

PIMENTA, Márcia Teresa da Rocha. A ideologia como categoria de análise da pesquisa social. **Jornada Internacional de Políticas Públicas (JOINPP)**, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP), 5º. ed. 2011. V Jornada Internacional de Políticas Públicas, 23 a 26 agosto de 2011.

PINARD (Brasil). Diário de tradução - Dia 01. In: **Editora Pinard**. Tradução: André Aires. Instagram, 9 jul. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCcAgsODgny/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PENELUC, MORADILLO. **EDUCAÇÃO, IDEOLOGIA E ALIENAÇÃO**. movimento-revista de educação , v. 7, n. 12, p. 297-323, 9 jun. 2020.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Primórdios da crônica de autoria feminina no Brasil e a luta pela igualdade de gênero. **Jangada**, Brasil, v. 2, n. 15, p. 106-118, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/issue/view/18>. Acesso em: 9 ago. 2021.

RAMOS, Gabriela. A crônica como interseção entre jornalismo e literatura. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, [S. l.], 28 jun. 2012. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG.

RIBEIRO, Djamilia. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1ª. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2018. 120 p.

ROSA, Katemari. Feminismo Negro. In: MENINAS NA CIÊNCIA (Brasil) et al, (org.). **"Feminismos - algumas verdades inconvenientes"**. YouTube: NAPEAD - produção multimídia para a Educação, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cAEW6kZvpVM> . Acesso em: 15 abril. 2021.

ROSSI, Ana Helena. Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução. In: FERREIRA, Alice M de A. GOROVITZ, Sabine (Org.). **A Tradução na Sala de Aula**: ensaios de teoria e prática de tradução. Brasília: Editora UnB, 2014. 219 p

SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014.

SILVA, Luciene; OLIVEIRA HARDEN, Alessandra. Considerações para um projeto de (re)tradução feminista: incidents in the life of a slave girl (1861) e o modelo funcionalista de Christiane Nord. In: BENTES, Thaisy; NASCIMENTO, Lucas (org.). **Perspectivas dos estudos em tradução e interpretação**. Boa Vista - RR: Editora UFRR, 2020. cap. 8, p. 177-210. Disponível em: [https://www.academia.edu/44788133/PERSPECTIVAS\\_DOS\\_ESTUDOS\\_EM\\_TRADU%C](https://www.academia.edu/44788133/PERSPECTIVAS_DOS_ESTUDOS_EM_TRADU%C)

3%87%C3%83O\_E\_INTERPRETA%C3%87%C3%83O\_Ed\_UFRR\_. Acesso em: 12 nov. 2021.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Por que e como pesquisar a tradução comentada?** In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs.). *Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução volume dois*. Fortaleza, CE: substância, 2017. p.15-35.

URIBE, Arelis *et al.* *Explotar yo primero. Brígida: Revista de cómic hecho por mujeres*, Santiago, Chile, ed. 1, 2018.

URIBE, Arelis. **Que explote todo**. 1. ed. Santiago, Chile: Los libros de la mujer rota, 2017.

WOLF, Allison B. ¿Qué es el feminismo?. In: RAZÓN PÚBLICA (Colombia). **Feminismos para todas, todes y todos**. [S. l.]: Linda Ordoñez e Ricardo Díaz, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://razonpublica.com/feminismos-todas-todes-todos/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção**. *Aletria, Belo Horizonte*, v.25, n.2, p. 331-352, 2015

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. In: **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na filosofia**. 2. ed. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 10 set. 2021.

## **Anexo 1: Diário de tradução**

### **I DIÁRIO DE TRADUÇÃO – O INÍCIO DA REFLEXÃO**

#### **Trechos do diário de tradução - O INÍCIO DA REFLEXÃO**

30/06/2021: Ao apresentar uma proposta de pesquisa e tradução para a orientadora, decidimos que seria mais interessante trabalhar com um texto com temática feminista. Mas como traduzir, desde um viés feminista e propor estratégias feministas de tradução, para um texto que já é feminista? É possível? Como abordar? Após a conversa com a orientadora, fiquei com essas dúvidas perturbando minha mente. Preciso respondê-las. Enquanto o semestre não inicia oficialmente, quero aproveitar esse tempo para me dedicar a leitura de textos sobre feminismos e tradução feminista. Acredito que o curso *Feminismos: algumas verdades inconvenientes*<sup>49</sup>, me ajudará bastante nessa jornada de aprender e entender mais sobre os movimentos feministas e isso com certeza, me auxiliará na tradução também.

03/07/2021 - Para entender melhor sobre conquistas e lutas pelas quais as mulheres foram beneficiadas ou vítimas, assim como para entender as reivindicações e a história em si, montei uma breve linha do tempo, com suporte do conteúdo disponibilizado no curso de Feminismos, para visualizar e aprender mais sobre lutas femininas e também como refletir sobre como muitas vezes as pautas defendidas por movimentos feministas incluía somente demandas de mulheres brancas, com poder aquisitivo e heterossexuais, e assim dificultando que mulheres negras, por exemplo, tivessem sua voz e realidade consideradas.

21/07/2021 - Hoje iniciei oficialmente os encontros semanais com a minha orientadora, porém, antes desse momento, ela se disponibilizou em me auxiliar em pesquisas e questionamentos o que tornou esse caminho de aprendizado muito mais proveitoso. Hoje juntamente com a minha orientadora, decidimos a obra que iríamos trabalhar assim como também as crônicas que serão traduzidas. São elas: *Defensa del lenguaje inclusivo*, *Toda mujer tiene un recuerdo asqueroso*, *Mi amigo y su entrepierna sagrada*. Porém, antes do processo tradutório, preciso ler sobre

---

<sup>49</sup> Curso ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul através da plataforma de cursos Lúmina <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=100>



linguagem inclusiva no Brasil e no Chile, assim como crônicas com foco feminista para entender quais temas são debatidos.

28/07/2021 - Após mais um encontro semanal com a orientadora, estou mais animada com a ideia de propor uma tradução feminista. Antes estava mais nervosa com medo de não dar conta de realizar o trabalho e de concluí-lo, mas após muitas leituras e fichamentos estou mais tranquila. Li sobre as contribuições de traduções feministas da autora Olga Castro com o objetivo de entender melhor as estratégias que eu posso usar no processo tradutório.

04/08/2021 - Decidi montar uma tabela com todos os guias e manuais sobre linguagem inclusiva que encontrei. Eles são de países como Argentina, Chile, Espanha e Brasil. Criei a tabela para que fosse registrado minhas fontes de pesquisas, mas também para de certa forma divulgar esses materiais para que cada vez mais, as pessoas considerem e reflitam sobre a linguagem inclusiva como aliada que tem como foco a inclusão de todas as identidades e não como instrumento que irá contra a norma gramatical e que só tem como objetivo prejudicar.

21, 22 e 23/08 - Com sugestão da orientadora, montei uma apresentação sobre Feminismos e Tradução feminista para a disciplina Versão de Textos Literários a qual ela ministra. Para isso, separei a apresentação em duas partes (dois dias), a teórica que conta com definições sobre feminismos, contribuições de Olga Castro sobre Estudos Feministas e Tradução Feministas. Já na segunda parte, a prática, apresentarei sobre a obra a qual estou estudando, assim como a autora dele e por último, irei expor alguns trechos das crônicas que estou traduzindo para o TCC.

31/08/2021 - Hoje apresentei a primeira parte da aula que preparei para colegas de tradução. Apesar do nervosismo, me senti muito acolhida e confiante no trabalho que havia preparado. A professora (e, também, minha orientadora) me deu todo o suporte emocional que eu precisava para não surtar antes de apresentar o conteúdo. Recebi um feedback legal das/os alunas/os.

02/09/2021 - O dia foi muito corrido e não consegui me preparar tão bem para a apresentação deste dia. Eu não estava me sentindo muito segura com o domínio da parte prática, o que dificultou o meu desenvolvimento nesse dia, porém, aos poucos e novamente com o suporte da professora Mar, consegui finalizar a aula e ter debates interessantes sobre os pontos e questionamentos do que havia sido apresentado. Minhas colegas de curso, Gabi e Livia foram essenciais nesse processo!

## DIÁRIO DE TRADUÇÃO – II – UM CAMINHO PARA TRADUZIR

### Trechos do diário de tradução - Um caminho para traduzir

25/07/2021: A autora apresenta exemplos de palavras femininas usadas para qualificar um jogador como ruim. Quais termos são usados aqui no Brasil para dizer que um jogador é ruim? [...]. Nenhum termo que seja feminino e que seja usado no futebol me vem à cabeça, eu realmente não consigo pensar em nada! As pesquisas não estão me ajudando, preciso perguntar para meu irmão e amigos/as que gostam do esporte para ver se eles me ajudam. [...] 02/09/2021: Após conversa com colegas, fiquei um pouco tranquila já que descobri que a dificuldade em achar uma solução não era exclusiva minha, o que me fez sentir menos insegura. Nessa conversa, refletimos sobre como os termos usados no futebol brasileiro, seja por torcedores e atletas, é voltado ao preconceito com a comunidade LGBTQIA +. Com o auxílio dos debates entre alunos e a professora (Mar), me foi sugerido trocar a profissão ou retirá-la. Como apesar de pesquisas e conversas com amigas/os não consegui chegar a alguma profissão que tenha as características necessárias para a tradução, decidi por optar então a segunda sugestão, e na tradução oculte a profissão e usei palavras e expressões usadas de forma sexistas; “mulherzinha” “como uma garota” (eu gosto dessa expressão porque há algum tempo vejo mulheres e ou campanhas se apropriando da expressão com a intenção de modificar o lado negativo da expressão e dando uma outra perspectiva para ela.

11/08/2021 - Iniciei a primeira versão da tradução da crônica *Defensa del lenguaje inclusivo* e percebi que há muitos pontos interessantes de se abordar nos comentários de tradução. Eu realmente gosto dessa crônica e em como ela me faz enxergar que em um idioma também há problemáticas e que no processo tradutório eu posso intervir com a finalidade de "denunciar" essas problemáticas e propor soluções. O processo tradutório está sendo um pouco mais complicado do que eu imaginava porque há muitos questionamentos e estratégias que eu posso ou não utilizar. Manter os símbolos “@” e “x” de forma escrita ou somente seus símbolos? De acordo com os manuais sobre linguagem inclusiva que li até então, eles são opções para não especificar um gênero específico, mas ao mesmo tempo, dentro desse âmbito de incluir todas as pessoas, eles acabam excluindo ou impedindo que outras pessoas tenham acesso a eles, como por exemplo, pessoas com deficiências visuais, já que os programas de leitura textual acabam não reconhecendo esses símbolos, dificuldade a leitura e o entendimento de quem não pode ler sem esses programas específicos.

24/08/2021- Nesta parte eu poderia traduzir "niñez “por “infância”, mas será que é a melhor opção? Não há outro termo que possa ser usado e seja inclusivo? [...] 31/08/2021 - Como não pensei em criança? No português, diferentemente do espanhol, temos uma palavra que realmente inclui tanto meninas quanto meninos. E é uma palavra masculina que é usada como genérico. Realmente é uma boa palavra.

01/09/2021 - Após conversas com a orientadora, decidimos que a crônica *El apellido de una mujer siempre es el apellido de un hombre* tinha que ser traduzida por conta de sua temática e suas possíveis intervenções, e para delimitar o material de estudo e por conta do tempo para finalizar o trabalho, decidimos que essa crônica substituiria a crônica *Toda mujer tiene un recuerdo asqueroso*.

04/09/2021 - Pensei em domesticar as palavras “*Hellmins* e *Teletín*” já que a opção de as manter na tradução iria causar estranhamento no leitor. Para a tradução, preciso considerar alguns fatores, por exemplo, para “*Hellmins* (que após pesquisas, descobri que foi um personagem visual da marca de maionese Hellmann's) tenho que encontrar uma figura representada pelo gênero masculino, e que tenha sido utilizada para alguma marca de produto comestível aqui no Brasil. Para *Teletín* é mais fácil, pois no Brasil, temos um “equivalente”, o Tonzinho, figura representativa masculina do Teleton. Porém, no Brasil, atualmente contamos com uma representação feminina conhecida como Nina [...]. 05/09/2021 - Após muitas pesquisas, cheguei à conclusão que poderia usar para o personagem publicitário Bocão da Royal, que se encaixava nos requisitos que eu estava procurando.

05/09/2021 - Quando a autora usa todos e todas, cabe colocar também o “todes” forma inclusiva e que considera também a inclusão de gênero não binário. Assim como também utilizar o “e” em formas de tratamento e sempre que possível.

06/09/2021 – Entendo a necessidade de constatar o fato de homens acabaram/acabam recebendo destaque enquanto diversas mulheres sequer são citadas na história da humanidade, ao menos não tanto quanto deveria. Mas ao mencionar tantos homens, sem dar destaque algum as mulheres, a autora não estaria reforçando esse sistema? Dar visibilidade a homens e mulheres ficam em segundo plano? 22/09/2021 – Em uma das conversas semanais com a orientadora pensamos em como iríamos intervir nesse trecho que nos incomodava. Essa reflexão nos fez pensar em mulheres que deveriam receber mais destaque já que fizeram e conquistaram coisas incríveis, mas ainda assim, são colocadas nesse lugar de segundo plano. Após muita reflexão

optamos por intervir no texto ao acrescentar Gabriela Mistral e Marta, como forma de homenagem assim como também proposta para debates o fato de que apesar do lugar delas, de importância para os seus países ainda não tão mencionadas.

08/09/2021 - Nesse trecho, a autora fala sobre os sobrenomes compostos não serem tão utilizados por serem considerados arcaicos, para exemplificar, ela se inclui no exemplo “Arolas Uribe de apellido-de-él”. Para a tradução pensei em “Arolas Uribe sobrenome-dele” [...].

23/10/2021 - Em uma das últimas orientações, a orientadora me sugeriu que o “s-” inicial do sobrenome fosse maiúsculo “S-“, já que o sobrenome é escrito em letra maiúscula.

11/09/2021 - Nesta parte da crônica a autora cita o Brasil como referência de reivindicação em relação aos sobrenomes. Segundo a autora, é uma ideia o que acontece no Brasil, que o sobrenome feminino é o primeiro, porém, há alguns fatos que precisam ser refletidos sobre isso. Primeiro, algumas mulheres ainda optam, no casamento, em acrescentar o sobrenome do marido, logo a situação no Chile não é muito diferente da do Brasil. As mulheres, como a autora diz, passam de ser propriedade de seu pai para ser do marido. No Brasil, o primeiro sobrenome das mulheres não é visto como importante, afinal, o último sobrenome é o que é solicitado e apresentado. Além disso, há mulheres que ao se casarem, optam por acrescentar o sobrenome do marido, fazendo com que este seja o novo sobrenome dela e pelo que ela é chamada, por exemplo.

18/09/2021 - Durante o desenvolvimento deste trabalho e leitura do que viria a ser o embasamento teórico, tive a oportunidade de conhecer mais sobre pautas feministas, da pluralidade das demandas de diversas pessoas e como muitas vezes fazemos referência a algo ou alguém com um termo (às vezes por falta de conhecimento e/ou por costume) que não é apropriado. Na crônica a autora usa a palavra “esclavo” quando o ideal seria usar “pessoa escravizada” ou “escravizada/o” sendo assim, como forma de tentar ser mais inclusiva e, também, de tratar do assunto com realidade, na tradução, optei por intervir utilizando “pessoa escravizada”.

25/09/2021 - Entrepiera... Eu pesquiso e encontro como: parte interior das coxas e/ou órgão genitais de uma pessoa. Logo, a virilha nem funcionaria, preciso encontrar um termo que se encaixe melhor [...]. 26/09/2021- Partindo da ideia de que “entrepiera”, na crônica, é relacionada ao órgão sexual masculino, tenho opções como: membro, pau, pênis [...].

30/09/2021 - Após conversas com a minha orientadora, colegas e amigas, me foi sugerido:

membro, terceira perna, ferramenta, espada, mastro, tripé, instrumento, tromba, taco, genitália, vara. E desconsiderei palavras explícitas [...]. 06/10/2021 - Após reunião semanal com a orientadora, ela disse que gostava de “membro” e “terceira perna” como opções para entrepierna, porém, após pesquisar termos que eram usados em livros em relação ao órgão genital masculino encontrei muitas entradas para “membro” o que me fez considerar o uso desta palavra. Entretanto, terceira perna parece mais adequado ao que Arelis Uribe expressa em sua crônica, além de ser um termo mais querido pelas pessoas que contribuíram para a discussão dessa tradução.

25/09/2021 - Café con piernas? Antes dessa crônica nunca tinha ouvido falar sobre esse lugar. Ao pesquisar, me surpreendi em como o estabelecimento funcionava e como as funcionárias precisavam estar vestidas, totalmente sexualizadas com roupas curtas e/ou com decotes enquanto serviam principalmente homens de terno e gravata. Para a tradução, acredito irei traduzir para “Café com pernas”, porém, acrescentarei comentário de tradução no rodapé da página explicando brevemente sobre o estabelecimento. 30/09/2021 - Pensei melhor e na verdade, não irei traduzir, porque quero causar essa curiosidade em quem ler a crônica, que provavelmente irá buscar informação no comentário de tradução e provavelmente refletir sobre o assunto. Sendo assim, irei manter o lugar em espanhol, em itálico e com comentário de tradução.

30/09/2021 -Gosto de como essa crônica exige pesquisa. Encontrar explicações sobre os regionalismos não foi tão difícil quanto imaginei que seria, o que me deu uma alegria no coração já que o tempo para tradução está acabando. Precisei procurar em glossários disponibilizados via web termos como *poto* e *hueón* que decidi por traduzir como bunda e idiota respectivamente.

### **DIÁRIO DE TRADUÇÃO – III – O DESPERTAR TRADUTÓRIO**

24/10/2021

Esse diário de tradução de número III é mais uma reflexão que senti necessidade em escrever, principalmente depois desse processo tradutório. Traduzir algumas das crônicas de Arelis Uribe foi um desafio, que muitas vezes me fez duvidar da minha capacidade tradutória. Foi um processo cansativo, mas ao mesmo tempo prazeroso, pois cada vez que conseguia enxergar algo que poderia ser trabalhado e explorado através de comentários de tradução, eu me sentia viva e emocionada.

Mas quando o contrário acontecia, quando algo passava despercebido ou eu não conseguia enxergar, me sentia frustrada e triste. Porém, para minha surpresa, isso não me desanimou por completo, como imaginei que poderia acontecer. Muito pelo contrário, cada queda, conversa e reflexão foi necessário para que eu me tornasse uma tradutora mais criteriosa e consciente de minhas decisões, claro, ainda tenho muito o que melhorar, mas eu já iniciei a caminhada e eu não tenho medo de tentar, não mais.

Aprendi muito durante esse processo e eu sou muito grata por essa oportunidade, pois ao conhecer mais sobre feminismos, aprendi mais sobre minha história e sobre a mulher que sou e quero ser. Aprendi mais sobre teoria, mas também pude trabalhar mais com a prática e me encantar com as aventuras e os conhecimentos que ao traduzir você pode adquirir. O idioma espanhol me abriu algumas portas e a tradução me convidou para conhecer universos, os quais fazem parte de quem eu sou.

Essa caminhada não foi fácil, e nem tenho certeza de que daqui para frente será, mas não tenho dúvidas que terei mais conhecimento e habilidade para encarar os novos desafios. Agradeço a todes que contribuíram para a construção deste trabalho e da tradutora que aqui escreve emocionada sobre essa trajetória. Quero agradecer especialmente à minha orientadora, María del Mar, que esteve ao meu lado, sendo minha guia, obrigada por ter aberto meus olhos e por ter segurado minha mão. Este diário de tradução foi um despertar para a tradução e para a vida, e eu só espero que ele sirva para motivar e encantar, e o resto QUE EXPLOTE TODO!